



VOZ de ANTAS

Director e Editor
M:BRITO FERREIRA

Administ.
A. FARIA

Propriedade da Paróquia
S.PAIO DE ANTAS

Redacção
CENTRO PAROQUIAL
Telef.87250/130/177

Compos. e Impressão
PAX — BRAGA

BOLETIM PAROQUIAL — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

EDITORIAL

António Corrêa d'Oliveira

— "uma pausa de silêncio, de ternura e de meditação"...

Com o sentido de reflectir mais do que louvar é que se redigem estas nótulas sobre aquele a quem o povo da beira-mar nortenha apelidou de simplesmente «o Poeta». E é tão simples o apelido como o foi o homem que «era um carácter límpido, um homem de mãos lavadas, modesto na sua grandeza e humano em todos os gestos da sua vida».

O Centenário (de nascimento) não passou despercebido em qualquer meio de Informação que se preze de independente ou tenha a noção de justiça, quer seja a nível nacional, regional e local.

Pretendemos focar aqui, ao de leve, principalmente, as características artísticas que marcaram a sua obra, as qualidades de homem e poeta cristão, traços essenciais a ter em conta ao falarmos de António Corrêa d'Oliveira.

Para isso, nada melhor do que tomarmos nas mãos, aquilo que os outros, mais capazes e mais idóneos, disseram e escreveram em alguns meios de Comunicação Social. Assim servir-nos-emos de Jornal «o País» de 10 de Agosto de 1979 e de «O Primeiro de Janeiro» secção «Das Artes e das Letras».

Corrêa d'Oliveira «Amava os simples e quando falava de pobreza ou de glorificar os que eram pobres não o fazia por espírito demagógico ou para o agrado de conquista das massas. Era verticalmente cristão: viveu e morreu assim. Ninguém lhe podia levar a mal, até porque isso era carismático. Guerra Junqueiro que ninguém poderá apelar de «beato» ou de «reacionário» seguiu os passos líricos desde o alvorecer» («O País»).

(Continua na pág. 6)

“Os poetas, tal como os santos, não morrem...”

... afirmou D. Eurico Dias Mogueira, na celebração da Eucaristia

Em 30 de Julho na Capela de Nossa Senhora do Rosário, foi concelebrada uma Eucaristia comemorativa do Centenário de nascimento do poeta António Corrêa d'Oliveira.

Presidida pelo senhor Arcebispo Primaz de Braga, teve como concelebrantes o Pároco de Antas, de Belinho, Sta. Maria de Geraz do Lima e o senhor Arcipreste de Esposende.

D. Eurico proferiu, na altura própria, uma homilia alusiva à data que se estava a celebrar. Salientamos os passos mais importantes, principalmente aqueles em que aquela autoridade religiosa focou os aspectos essenciais da obra de Corrêa d'Oliveira.

Tendo começado por focar a intenção da Eucaristia, que seria a de «sufragar um morto e recordar um vivo» diria mais à frente que «os poetas, tal como os santos, não morrem, porque eles sobrevivem na lembrança das suas virtudes».

Já no desenvolvimento das principais qualidades poéticas, mo-

rais e cristãs do «POETA» e da sua obra diria: «António Corrêa d'Oliveira passou a vida a sentir

(Continua na pág. 9)

RIO NEIVA EM PERIGO

— Povo, abre os olhos!!!

Está em marcha a construção da zona industrial de S. Romão do Neiva, iniciativa louvável da Câmara Municipal de Viana do Castelo, que irá trazer para esta região maiores possibilidades de emprego além de agrupar num só local grande parte das indústrias que proliferam desordenadamente ocupando por vezes terrenos de óptimas aptidões agrícolas, sem infra-estruturas capazes de responderem minimamente ao seu funcionamento.

Acontece porém que a gente de S. Paio de Antas começou a assistir à construção de uma grande conduta que atravessando toda a área da referida zona industrial, vai desembocar pura e simplesmente num pequeno ribeiro que atravessa a estrada nacional Viana-Barcelos junto ao pontão da Cerâmica Rosas.

Não querendo acreditar que todos os esgotos de um empreendimento desta natureza iriam terminar tão primariamente num pequeno regato afluente do Rio Neiva, que no verão nem sequer leva água, rapidamente se mobilizou.

Um grupo de moradores, acompanhados pela Junta e pelo Pároco da freguesia pede uma audiência ao Presidente da Câmara de Viana do Castelo.

E então, qual não é o seu espanto quando verifica que a realidade era mesmo aquela que temiam. Os esgotos da

zona industrial vão mesmo desembocar no Rio Neiva!!!

Com a garantia porém de que seriam individualmente tratados por cada fábrica antes de serem lançados no colector geral. Todos sabemos bem o que isto justifica!!! A fábrica de resinas é disto um bom exemplo!!!

As estações de tratamento são caras, as unidades indus-

triais não dependem delas para o seu funcionamento, e as avarias correspondem imediatamente a outros tantos acidentes ecológicos.

Perante a indignação deste grupo de moradores, a Câmara convoca uma segunda reunião, desta vez com a vereação e o técnico responsável.

(Continua na pág. 3)

RIO NEIVA

— “Excelência da paisagem”

Transcrevemos hoje a primeira parte duma série de artigos dedicados ao Neiva e que têm por objectivo dar a conhecer o Rio Neiva desde a nascente até à foz, na medida em a maior parte da população desconhece o historial do rio.

De margens densamente arborizadas o Rio Neiva apresenta trechos de paisagens surpreendentes.

Em certos locais despovoados, onde a vegetação é luxuriante, vivem-se momentos de vida solitária onde o silêncio é apenas cortado pelo ruído dos açudes e pelo canto das aves.

Nas suas vastas levadas existem trutas, barbos, bogas, enguias, escalos (e embora raramente lontras e patos) e, junto da foz salmonetes e lampreias que permitem a pesca e a caça desportivas, como atractivos turísticos.

A beleza panorâmica do vale

do Neiva é surpreendente, pois a paisagem local é bela. Não há núcleos urbanos. Por entre a vegetação luxuriante vê-se aqui e além uma ou outra casinha branca.

No inverno a paisagem é despidida, árvores esqueléticas e, onde aonde, sobre o fundo verde das agrinhas, a mancha escura das oliveiras.

A contrastar com a paisagem desoladora nesta quadra, o canto das aves, o murmúrio das fontes dão vida a este quadro triste.

Corre o tempo. Na Primavera todas as árvores florescem. A paisagem é bela, e com as flores brancas de pessegueiros, ameixoas e das cerejeiras parece noiva e as avezinhas tem trinados mais subtis.

As montanhas vistas do vale estão todas arborizadas e floridas. São as flores do mato arnal, «arranha lobo», do carrasco e das giestas.

O local é óptimo para passar o Verão. Boas águas, boas frutas, temperatura amena.

Depois o Outono é sublime.

No Outono há muita cor, é como que uma paisagem de maravilha.

As folhas amareladas dos carvalhos e dos castanheiros, assim como a cor avermelhada das folhas das cerejeiras e dos vinhedos, dão encanto à paisagem sobre a verdura dos cortiniais e das agrinhas.

Assim nesse vale entre montanhas quem puder sonhar habitua-se a viver com a natureza».

(de António Neiva Maciel, «Bacia Hidrográfica do Neiva» in «O Rio Neiva» — Monografia)

COMENTÁRIO: E ainda nos queriam destruir este «paraíso terrestre»! ...

FESTAS

As Vitórias e Santa Tecla: um êxito e um brilhantismo que ultrapassaram todas as expectativas

Por ocasião das festas a Nossa Senhora das Vitórias (1.º Domingo de Agosto) e a Santa Tecla (3.º Domingo de Agosto — data mudada, por causa dos emigrantes, para ficar uma vez que redundou em êxito e aplauso) a freguesia foi invadida por um autêntico mar de gente que trabalha e conta horas de alegria ou de tristeza, de esperança, ou de descrença, de expectativa ou de angústia.

Extraordinário número de forasteiros acorreu ao recinto paroquial para se deleitar com o reportório das famosas Bandas, e gozar os

restantes números do programa de festa. Festa de todo o «povo».

A Comissão cessante composta por: Arlindo, Soutelo, Sebastião, Albino Sá, Costa Dias, Augusto Portela e Francisco Lapelro, após um

trabalho exaustivo e persistente sentiu a alegria e o prazer Incomensurável de BEM SERVIR. Deram continuidade à Homenagem a Nos-

(Continua na 6.ª pág.)

Inveja, é fome que enjoa;
É cama que tira o sono;
Magra cadela ralvosa
Que morde no próprio dono!



Correia de Oliveira

Na Festa a Santa Tecla...

A capela de Santa Tecla a regorgitar de devotos. O recinto todoi Momentos de fé intensa durante a Missa solene acompanhada pelo Grupo Coral, transmitida pela R.D.P. Todos envolvidos pela mesma mística. Igual devoção.

No sábado, entretanto, para além dos concertos musicais um «engarramento de pessoas» para as sessões de fogo aquático e de artifício.

A Comissão lançou-se incansável à causa de reerguer o nível da Festa a Santa Tecla. Alterou a data. Não se poupou a esforços para conseguir a verba desejada. Admiramos um dever tão bem cumprido. Louvamos o espírito de equipa que os animou.

Parabéns ao Albino Faria, Alexandrino Sá, Mota, José Sá, Pascoal e Domingos Cavaco, que lançaram ombros à realização da festa podem dar-se por satisfeitos.

RECEITA

Rend. da Freguesia, 51 250\$00; Mordomos e Mordomas de Azevedo, Monte e Pereira, 6 250\$00; Mordomos e Mordomas de Estrada, 1 600\$00; Mordomos e Mordomas de Belinho, 2 500\$00; Mordomos e Mordomas de Guilheta, 6 150\$00; Emigrantes, 98 512\$00; Freguesias diversas, 15 261\$00; Vendedores ambulantes, 1 700\$00; Rendimento do Prato, 15 900\$00; Coberta na Procissão, 3 170\$00.

Soma Total — 202 293\$00.

Despesa 238 931\$00
Recelta 202 293\$00

Saldo Negativo 36 638\$00

Comissários — 175 — Toca a cada um: 209\$00.

COMISSÃO PARA O ANO DE 1980

Manuel Gonçalves Neiva Novo, Estrada; Manuel Alves dos Santos, Guilheta; Manuel Alves da Cunha, Guilheta; João Moreira de Sá, Guilheta; José Izirio Eiras de Meira Torres, Belinho; Luciano da Cruz Viana, Azevedo, Fernando da Cruz Rolo, Azevedo.

DESPESA

Serviço Religioso, 1 350\$00; Banda de Paços de Ferreira, 70 000\$00; Banda de S. Tiago de Riba-Ul, 33 000\$00; Banda dos Bombelros de Arrifana, 33 000\$00; Ornamentação e Auto-Falante, 23 000\$00; Zés Pereiras, 4 500\$00; Conjunto Típico Cantares de Portugal, 8 000\$00; Fogo Viana e Filhos, 21 000\$00; Fogo Aquático, 9 000\$00; Guarda Nacional Republicana, 7 500\$00; Celisto, 5 000\$00; Refeições aos Ele-

mentos das Bandas e Zés Pereiras 3 200\$00; Transportes, 9 000\$00; Licenças, 1 500\$00; Iluminação Eléctrica, 6 000\$00; Correspondência, 4 100\$00; Duas Mil Pagelas, 1 525\$; Expediente, 1 000\$00; Programas, 4 500\$00; Uma Zincogravura 356\$00; Organista, 500\$00.

Soma Total — 238 931\$00

Emigrantes que contribuíram com as suas Ofertas para a Festa de Santa Tecla, no ano de 1979.

Manuel A. Laranjeira, 1 000\$00; Manuel Rodrigues Meira, 500\$00; Lúcia Meira Crespo, 500\$00; Manuel Veloso Portela, 500\$00; Joaquim Pires Laranjeira, 2 000\$00; Domingos Gonçalves Rolo, 500\$00; Fernando Sá da Torre, 500\$00; Manuel Gonçalves Pereira, 1 000\$00; Manuel Meira Laranjeira, 600\$00; Torcato Pereira Ferreira, 3 420\$00; Manuel Ferreira da Silva, 1 140\$00; Álvaro Meira Laranjeira, 1 000\$00; Manuel Augusto de Carvalho e Sá, 500\$00; Octávio Rodrigues Martins de Faria, 200\$00; Carlos Meira Laranjeira, 500\$00; José Vieira, 1 000\$00; Manuel Augusto Moreira da Cunha, 500\$00; Vasco Rodrigues Meira, 300\$00; Justino Dinis Neves Lapeiro, 500\$00; Cândido e Ricardina, 1 500\$00; Manuel Ferreira Rodrigues, 500\$00; Anselmo Laranjeira da Costa, 250\$00; Torcato Pedreira Rodrigues, 500\$00; José Barros 500\$00; Mário Gomes, 500\$00; António de Jesus Vilarinho, 300\$00; Manuel de Oliveira Moreira 500\$00; António de Oliveira Moreira, 500\$; José de Oliveira Moreira, 200\$00; Manuel Meira Novo, 700\$00; João Pereira da Silva Meira, 1 455\$00; Manuel Lourenço de Faria 1 000\$00; Manuel Augusto Viana da Cruz, 500\$00; Lúcia Meira Rolo, 1 000\$00; Agostinho Meira Alves, 750\$00; José Gonçalves Portela, 565\$00; Domingos Viana da Cunha, 500\$00; Joaquim Alves de Azevedo, 500\$00; Ilídio da Costa Cruz, 500\$00; Bazílio da Cruz Neiva, 500\$00; Manuel Augusto, 500\$00; Manuel da Cruz de Sá, 1 000\$00; Manuel da Cruz Laranjeira, 500\$00; Augusto Neiva Meira da Cruz, 1 000\$00; José Ferreira Rodrigues, 1 000\$00; Albino da Cruz Laranjeira, 500\$00; Albino da Costa Rolo, 500\$00; Alberto da Costa Rolo, 250\$00; António Alves Rolo Novo, 500\$00; Albino Faria da Cruz, 250\$00; Manuel Augusto da Torre, 500\$00; Eduardo Viana Rolo Agra, 500\$00; Barros António, 500\$00; Maria Isabel de Azevedo Torres, 500\$00; Lino Laranjeira de Barros, 500\$00; Manuel Xavier da Costa, 500\$00; Serafim Meira Rolo, 500\$00; Manuel Sá Gonçalves da Torre, 500\$00; Guilherme Viana do Vale, 500\$00; Francisco Torres, 565\$00; Manuel Alves da Cruz

Lajoto, 500\$00; Olímpio Dias da Silva, 1 000\$00; Manuel Dias da Silva, 800\$00; Hilário Meira Portela, 500\$00; José Ferreira de Gregório, 500\$00; Manuel Gonçalves Chasco, 1 000\$00; Cândida Meira Laranjeira, 525\$00; David de Barros Pereira, 300\$00; Domingos Sá da Silva, 500\$00; Armando de Matos Rolo, 1 000\$00; Manuel Fernandes Lopes, 1 000\$00; Alfredo Cerqueira da Costa, 1 130\$00; Domingos Salgueiro, 200\$00; António Rodrigues, 300\$00; Hircilla Saleiro da Cruz, 500\$00; António Pereira Portela, 1 000\$00; Mário da Cruz Viana Meira, 500\$00; Arménio da Cruz Gonçalves, 600\$00; Manuel da Costa Gonçalves Pereira, 1 000\$00; Manuel Viãna da Cruz, 500\$00; Manuel António Rodrigues Meira, 800\$00; Manuel Pereira Portela, 1 000\$00; Manuel de Barros Pereira, 500\$00; Manuel Augusto Meira Laranjeira, 1 000\$00; António Viana Alves, 500\$00; Manuel Pelxoto da Mota e Irene, 1 000\$00; António M. de Sousa, 1 000\$00; Armando da Costa Azevedo, 500\$; David Fernandes da Silva, 630\$00; Manuel da Costa Araújo, 300\$00; António Vieira da Costa Portas, 300\$00; José Sá da Silva, 500\$00; Manuel Rodrigues Meira, 500\$00; Cândido Alves Meira da Cruz, 300\$00; Amândio Meira da Cruz, 300\$00; Crispim Pires Rodrigues, 500\$00 Ramiro da Silva Arezes, 500\$00; António da Cruz Vale, 500\$00; Maguel Torres Pereira, 412\$00; Alfredo da Costa Rolo, 700\$00; José Pires Alves Rolo, 500\$00; Amadeu Ferreira da Silva, 1 135\$00; Amândio Afonso Sampaio, 1 000\$00; Manuel Fernando Viana Sampaio, 500\$00; Manuel Afonso Pereira, 500\$00; António Vieira Simões, 500\$00; José Viana da Costa Portas, 500\$00; Armindo de Oliveira Campos, 500\$00; Manuel Joaquim Loureiro Pinto de Carvalho, 500\$00; Benedito Lourenço Faria da Cruz, 500\$00; João Alves Meira, 500\$00; António Pires Penteadado, 1 000\$00; Avelino Ribeiro Cazeiro, 1 000\$00; José Vitor Lapeiro Caramalho, 500\$00; Aníbal Viana Laranjeira, 500\$00; Osvaldo Cunha, 500\$00; Adéllo de Azevedo e Sá, 200\$00; Mário de Azevedo e Sá, 500\$00; José de Barros Gonçalves Chasco, 1 000\$00; Augusto da Cruz Cazeiro, 1 500\$00; Manuel da Cruz Cazeiro, 1 500\$00; Bernardo da Cruz Cazeiro, 1 500\$00; Manuel Alves Martins Cêpa, 300\$00; Maria Júlia Cardante da Cunha, 1 000\$00; Manuel Estevão Meira Cardante, 200\$00; Mário Meira, 500\$00; Manuel Eiras, 200\$00; José Meira, 200\$00; Albino Gomes, 300\$00; Manuel de Jesus Ramos, 1 140\$00; Joaquim Alves Fernandes, 344\$00; Aurélio Torres Neiva, 100\$00; José Cruz, 500\$00; Rozalina Martins Pires, 831\$00; António de Sousa Teixeira, 150\$00; Júlio de Faria Gomes, 500\$00; Angelo Dias da Cunha, 570\$00; Albertina Coutinho Pereira, 300\$00; Manuel da Cruz Vale, 500\$00; Alfredo Fernandes, 1 000\$; Augusto Meira Torres, 500\$00; Mateus Rolo Portela, 500\$00; Manuel Baeta Dias, 500\$00; Maria Pia Pereira, 1 500\$00; David da Costa Rolo, 500\$00; António Mala Alvarães 500\$00; Fernando Martins Joaquim Ferreira 500\$00; Amadeu Martins Meira 500\$00; Orlando Faria de Gregório 500\$00; Manuel Fernandes Meira 1 000\$00; José Viana Agra 500\$00; Manuel Lêdo, 500\$00; Manuel de Barros Pereira, 500\$00.

Soma total — 98 512\$00.

MOVIMENTO PAROQUIAL



O Sacramento do Matrimónio

— NA IGREJA PAROQUIAL:

JUNHO

Dia 10 — Manuel Caseiro Baeta e Maria Judit Sá Meira.

JULHO

Dia 28 — Manuel Cesário Pereira Merrelho e Maria da Conceição Meira de Abreu.

AGOSTO

Dia 15 — António Gonçalves Ribeiro e Maria Jacinta Viana da Cruz.
» 15 — José Maria da Silva Ribeiro e Amélia Viana da Cruz.
» 18 — Mário Fernando Gonçalves Viana e Maria Cândida de Sá Crespo.
» 26 — Osvaldo Alves da Cunha e Maria de Lurdes Laranjeira Pereira.

SETEMBRO

Dia 8 — José Oliveira de Barros Rodrigues e Maria Lúcia da Silva Faria.

«Voz de Antas» associara-se à efeméride de todos estes noivos de esperança com votos de um futuro alegre e sorridente.



Junto da Pia Baptismal

— OS NOVOS FILHOS DE DEUS:

DE JANEIRO A SETEMBRO

- Susana Maria da Torre Vitorino. Filha de Manuel Vitorino Vieira e de Maria Lúcia da Torre Rolo Vieira.
- Otilia Margarida Torres da Lapá. Filha de Manuel da Lapá e Maria do Céu Vieira Torres.
- Ana Bela de Almeida Arezes. Filha de Augusto da Costa Arezes e Marília Rodrigues Almeida Arezes.
- Sandra Manuela Araújo Caramalho. Filha de Manuel Martinho Lapeiro e Maria Ester C. Araújo.
- Paulo Jorge Meira Torres. Filho de Maria Adelina Rodrigues Meira.
- Fernando Manuel Marques Rolo. Filho de Fernando da Cruz Rolo e Eva Pires Marques.
- Paulo Jorge Pereira Martins. Filho de Domingos Martins Pires Carneiro e Alzira Torres Pereira.
- Sandra Cristina Cunha Azevedo. Filha de Amândio da Costa Azevedo e Leontina Silva da Cunha.
- Maria Emília Rodrigues de Sá e Maria Ofélia Rodrigues de Sá. Filhas de Joaquim de Sá e Gracinda Pedreira Rodrigues.
- José Ricardo Neiva Sampaio. Filho de Manuel João Viana Sampaio e Maria Leontina Neiva da Cruz.
- Marco Paulo Cardante Gonçalves Pereira. Filho de Alfredo Fernandes Gonçalves Pereira e Maria Gracinda da Costa Cardante.
- Sara Azevedo da Fonseca Araújo. Filha de Pedro Maria Gastão Venceslau de Lima Aires de Reixinho e Otilia Cardoso de Azevedo.
- Ricardo Laranjeira Ribeiro. Filho de Manuel Gonçalves Ribeiro e Maria Vitória da Cunha Laranjeira Ribeiro.
- Jorge de Araújo Novo. Filho de David Eiras Novo e Maria Lucinda da Costa Araújo.
- Mónica do Carmo Fernandes Meira. Filha de Manuel de Freitas Meira e Maria do Carmo Dias Martins Fernandes.
- Lucinda Araújo Alvarães. Filha de António Ferreira Maia Alvarães e Maria Teresa da Costa Araújo.
- Cristóvão Samuel da Cruz Ferreira. Filho de Fernando Joaquim Martins Ferreira e Maria Alice Viana da Cruz Ferreira.
- Carla Susana Vieira Crespo. Filha de Emílio Gonçalves Crespo e Lúcia de Barros Vieira.
- Maria Teresa de Aguiar Correia de Oliveira. Filha de António Nuno de Carvalho Correia de Oliveira e Maria Margarida Leal de Faria de Aguiar.
- João Miguel Patrão Pereira. Filho de Manuel Meira Pereira e Maria da Glória Carneiro Patrão.
- Inês Pinheiro de Sousa Rodrigues de Sá. Filha de José Manuel Pinheiro da Silva e Sá e de Ana da Conceição de Sousa Rodrigues de Sá.
- Oscar Miguel Laranjeira Viana. Filho de José da Cruz Rolo Viana e Maria Cândida da Cruz Laranjeira Viana.
- Pedro Joaquim da Costa Correia Vieira. Filho de Carlos Alberto Correia Vieira e Filomena da Guia Pires da Costa.

Pensando bem...

O ALCOOLISMO

- Embrutece
- Faz dum rei, um escravo
- Faz dum rico, um mendigo
- Faz dum atleta, um trémulo velhinho
- Apaga a luz da inteligência
- Enfraquece a memória
- Diminui a força de vontade
- Encurta a existência
- Envenena as fontes da vida
- Semeia a desunião na família
- Rouba o pão aos filhos

- Extingue a alegria
- Semeia lágrimas
- Arruína fortunas
- Desfaz reputações
- Converte o lar num cárcere de tortura
- Povo as escolas de crianças falhadas
- Inunda de doentes os hospitais
- Atira para a cadeia legiões de homens
- Provoca acidentes, nas fábricas, estradas e oficinas
- Abre as portas a todos os vícios
- É inimigo do homem, da família e da sociedade
- Faz do homem — obra-prima de Deus — grotesca criatura!

Notícias Locais

O NOSSO ENCONTRO

Realizou-se neste Agosto de 79, o retiro para jovens, com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos.

Pois este encontro, foi realmente para todos os jovens uma experiência, mas que foi positiva, principalmente no que respeita ao convívio e à amizade entre todos.

Neste retiro foram abordados dois temas: «Namoro» e «Fé» em que estes foram para nós um apoio para a nossa vida futura.

Queremos salientar os sacrifícios que fizeram por nós e toda a atenção que nos prestaram, em especial o Sr. Padre Magalhães (orientador) o sector de culinária da JAEOCA e todas as pessoas que neste encontro trabalharam, o nosso sincero agradecimento — Otilia Ledo.

BAFEJADOS PELA SORTE SORTEIO JAEOCA/79

1.º Prémio, n.º 8800: Otilia Ledo (Belinho); 2.º prémio, 1740: Sophie (França); 3.º prémio, 3955: Vedrenne Gerard (França); 4.º prémio, (?) A quem pertence?; 5.º prémio, 4969: Associação (Antas); 6.º prémio, 4929: Associação (Antas); 7.º prémio, 0947: Cerqueira da Cruz (Belinho).

Parabéns!

JAEOCA

O sector de cultura tem novos responsáveis: Adéllo Neiva (Fac. de Direito — Coimbra); M. Cunha Neiva (Fac. Filosofia — Braga); Fernanda Neiva (Liceu V. Castro). Atletismo masculino: com os animadores: António Rolo e Bernardo Pires.

BAR — SALA DE CONVÍVIO PAROQUIAL

Mês de Julho: 9 462\$90. Responsáveis — Luís Torres e Alberto Faria.

Mês de Agosto: 60 000\$50: Responsáveis — Hilário Sampalo e Martinho Saleiro.

«PROMESSA» CURIOSA

Por ocasião das festividades a Nossa Senhora das Vitórias, um casal turista da Bélgica visitou a Igreja. Encantado com a ornamentação e adorno dos altares, prometeu «para o ano, voltaremos e vamos oferecer uma toalha para o altar de Nossa Senhora das Vitórias. A nossa firma trabalha no mesmo tipo de toalhas».

VERÃO - 80

Julho, Mês de praia para as crianças da Catequese!

As várias centenas de crianças que frequentam a catequese disputarão no próximo verão de 1980 as ansladas férias no pinhal e na praia. Serão dias de liberdade, de sol, de ar puro, de mergulhos refrescantes no mar e nas piscinas do Rio Neiva: Santa Tecla, Sebastião, Carvalho e Minante. A alegria de viver das nossas crianças é contagiante. A catequese e o Movimento Associativo da Juventude (JAEOCA) proporcionar-lhe-ão a indispensável segurança afectiva e material.

Outros pormenores da organização/JAEOCA serão fornecidos oportunamente.

UMA FÁBRICA

Está em construção mais uma fábrica, entre as freguesias de Marinhãs e Vila-Chã (no sítio da gatanheira), cujos proprietários são os srs.: Manuel Barros, Augusto Ferreira e José Cruz.

Esta tem como finalidade a exportação de casas pré-fabricadas.

COMUNHÃO SOLENE DE PROFISSÃO DE FÉ E PRIMEIRA COMUNHÃO

Realizou-se no passado dia 15 de Agosto, na igreja paroquial para mais de uma centena de crianças.

ENCONTRO-CONVÍVIO DOS POBRES E DOENTES

No dia 16 de Setembro, no recinto paroquial realizar-se-á o convívio dos pobres e doentes da Família Paroquial. A missa solene será acompanhada pelo Coro Infantil. Ao fim da romagem de saudade ao cemitério terá lugar no salão recreativo o almoço servido gratuitamente pela JAEOCA. A organização está a cargo da Conferência Vicentina da JAEOCA.

Aos nossos irmãos doentes que-remos deixar-lhes a certeza de que estamos com eles. A todos lembraremos o valor que, pelo seu sofrimento, unido à Redenção, representam para o Povo de Deus.

NA FESTA DO EMIGRANTE

As intenções da concelebração foram as seguintes:

P. Brito — Emigrantes vivos e falecidos nos países da emigração.

P. Avelino Alves — Seus antigos paroquianos vivos e falecidos.

P. António Sá — Contribuintes das obras paroquiais.

P. Ernesto — Almas do Purgatório.

P. Domingos — Pelo S. Cedo, e todos os que se encontram sepultados na igreja, adro e cemitério.

CAPELA DE SANTA TECLA

Nesta capela as obras paroquiais continuam «sem tréguas». Agora terá novas portas exteriores e interiores e colocação de tacos. A seguir, o arranjo total do seu recinto.

A JUNTA DE FREGUESIA

— Garante para breve a pavimentação e urbanização da avenida de Santa Tecla.

— Em fase de conclusão a iluminação pública da Praia a Forjães; de S. João à Ribes; do lugar de Nossa Senhora dos Remédios a Belinho.

BOVINA

Da avaliação da Bovina de 13 de Junho, resultou os seguintes valores de bois, vacas, touros e touros, por lugares

Azevedo	3 068	contos
Belinho	2 275,5	"
Estrada	823	"
Fradenha	123	"
Guilheta	4 637,5	"
Igreja	277	"
Monte	1 476	"
Pereira	1 080	"
Sampaio de Cima	663	"

Totalizando 14 423 contos

DESPORTO

Realizou-se em Forjães o II Torneio de Futebol de Salão que contou com a presença de 18 equipas divididas em 3 séries.

O Torneio contou também com a presença de uma equipa espanhola da cidade de Vigo.

A JAEOCA apresentou-se neste torneio pela 1.ª vez com uma equipa onde se notou a falta de traquejo nestas andanças não conseguindo mais que uma vitória, sendo ela obtida frente à equipa de Fragoso.

A final do torneio, foi disputada entre as equipas da FORJA e da Cruz Cotex, saindo vencedor a equipa da Forja, que bateu o seu adversário por 2-1. Para o 3.º e 4.º lugares, jogaram a equipa espanhola e Palmeira, saindo vencedora a equipa espanhola, por 1-0.

RIO NEIVA EM PERIGO

(Continuação da 1.ª página)

De novo se deixou bem claro que não consentiremos sobre pretexto algum acetar

esta solução como facto consumado, até porque existem alternativas tais como bombar para a plataforma mais alta da zona industrial todos os esgotos que depois de tratados seriam entubados para o mar, à semelhança do que fez a Portucel (Celnorte) relativamente ao Rio Lima.

Perante esta atitude, a Câmara compromete-se contratar um especialista para estudar o problema no mais curto espaço de tempo.

Em resumo a situação é a seguinte:

— Neste momento está em construção uma grande zona industrial que irá descarregar num afluente (seco) do Rio Neiva, todos os esgotos, com a única garantia de cada fábrica tratar os seus resíduos antes de os lançar no colector geral.

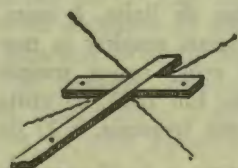
— Não há um plano geral de infra-estruturas, as fábricas já estão em construção e nenhuma delas apresentou sequer projectos para esses tratamentos, e só agora por pressão da gente de S. Paulo d'Antas a Câmara diz que vai encarregar um técnico de estudar o assunto.

ENTRETANTO O COLECTOR PARA O RIO NEIVA AVANÇA!!!

Só quem desconhece o que se passa nas margens deste Rio, fonte de riqueza (talvez única) para uma população que dele tira a água para os seus campos, o seu gado, seu lavadouro e piscina nos dias de calor, que calmamente se lança nas águas ainda não poluídas de uma das mais lindas praias do Norte, a Foz do Neiva, poderá atrever-se a cometer tão grande atentado.

Só que se enganam. O Povo desta região que sabe bem o que lhe vale o seu Rio NÃO O CONSENTIRÁ!!!

NOÉ DINIS (arquitecto)



Nas mãos de Deus

Maria Inácia Coelho Villas Boas da Costa e Silva de Carvalho

Com a mais viva saudade para a saudosa extinta, apresentamos sentidas condolências à família da Casa de Belinho, de modo especial à D. Maria Teresa Corrêa d'Oliveira, a quem acompanhamos na profunda mágoa que a feriu e de quem transcrevemos a carta que nos endereçou:

«28-8-79.

Senhor Reitor

Considero extremamente difícil levar a cabo a delicada tarefa de que me incumbiu: enviar-lhe alguns dados biográficos acerca da minha Mãe. Difícil, exactamente porque a Mãe foi alguém que passou por este mundo sem se evidenciar em coisa nenhuma; Alguém, que sempre viveu apagada, na modéstia e no silêncio!

Nascida duma antiga família em Viana do Castelo, passou quase toda a sua existência no Sul onde veio a casar com meu pai, Constantino Schröter Batalha de Carvalho, Engenheiro, que, nos Caminhos de Ferro Portugueses atingiu a mais alta função.

Esposa e Mãe exemplar procurou orientar a educação dos filhos seguindo-a de perto e atentamente, na mesma Fé que norteou toda a sua vida. Membro da Acção Católica, Apostolado da Oração e Vicentinas, foi católica fervorosa, sempre na mais perfeita e completa obediência às leis de Deus e da

Igreja, tendo como tônica acentuada uma profunda devoção, um grande Amor à SSma. Virgem. Pouco antes de morrer ainda a ouvimos balbuciar:

«Lembra-Vos que Vos pertence, terna Mãe, Senhora nossa».

Senhor Reitor, independentemente do vazio da saudade incomparável que nos deixa a perda da nossa Mãe, creio poder afirmar-lhe que A sinto hoje mais perto

Maria Teresa»

Domingos do Calçada

As 15,30 horas, do dia 6 de Agosto, faleceu com 70 anos de idade Domingos Alves da Cruz.

Desde tenra idade tornou-se criado da família «Vigária» residente no lugar da Igreja. Mais tarde, no ano de 1932 casou-se com Albina Gomes Laranjeira, deste casamento surgiram 2 filhos, Manuel Laranjeira da Cruz e Maria Laranjeira da Cruz, (já falecida).

Após 8 anos de casado perdeu sua esposa para sempre, Deus a chamara. A sua dor foi grande, mas nunca perdeu a coragem, pois tinha uma missão a cumprir, educar e sustentar os seus 2 filhos, tudo isto exigiu muito trabalho, muito sacrifício, mas saiu vitorioso.

Ainda residente no lugar da Pereira, casou-se pela 2.ª vez com Maria Rodrigues da Costa no ano

de 1941. Logo depois veio fixar sua residência no lugar da Cruz, trabalhando como caseiro as terras do sr. Manuel Martins Viana.

Aí viveu largos anos, aí se entregou para sempre ao trabalho amargo do campo.

Mas, apesar de uma vida tão difícil e ocupada nunca deixou de frequentar todos os actos religiosos que se efectuavam na Igreja. Além disso, sempre se preocupou em colaborar com o seu próprio trabalho na construção das obras paroquiais.

Sendo dotado de uma boa disposição, era ele quem alegrava toda a rapaziada, com o cantar ao desafio, nas desfolhadas e outros trabalhos.

Paz à sua alma.

Memórias da nossa terra

O «Livro Capitular das Visitas» de S. Paio de Antas, nos fala muito da nossa igreja e da nossas capelas, fala pouco da nossa gente e dos seus costumes. Os visitantes eram homens de poucas falas e, ao que se deduz, de pouco convívio: as suas visitas eram rápidas, mais de inspecção que de comunhão com a gente. No entanto, lá vão chamando a atenção do povo para um certo número de usos e, sobretudo de abusos, que, se não constituem o cerne da sua vida, revelam aspectos do seu viver que pode ser interessante, ainda que nem sempre edificante, recordar. É só uma ponta do véu que se desvenda sobre o que foi a vida dos nossos antepassados de há 200 anos; esperemos que em breve outras pontas (ou outros véus) se possam desvendar.

Uma das preocupações dos visitantes que emerge destes documentos, é a salvaguarda do adro como lugar sagrado, já como prolongamento espiritual da Igreja, já como lugar onde se sepultavam os mortos. Foi nesta altura, ou até já antes, que os cadáveres se deixaram de enterrar na igreja e começaram a passar para o adro e o cemitério. O adro é-nos relatado numa destas visitas como «o lugar para nele se enterrarem os cadáveres que não couberem na igreja, e mais funções paroquiais e devotas». Havia abusos e o Padre Manuel Gomes Rodrigues que visitou a igreja em 1765, deles nos dá pormenorizada relação: «Achei o adro centrado para a porta principal exposto a todá a devassidão, imundície dos

animais, por ser a entrada dos carros, bestas e mais serventias do R. Pároco pelo mesmo adro, entrada imediata à porta principal da igreja, causando à mesma a maior indecência e muitas vezes perturbando o silêncio que deve haver na casa de Deus, pela entrada dos carros e outros operários, derrubando também a parede do mesmo adro com os carros de lenhas; servindo de uma espécie de cemitério um pequeno terreno junto ao mesmo adro da parte do sul, que por causa da dita devassidão do adro também algumas vezes se devassou aos animais imundos; e como pelo dito terreno se pode fazer entrada para a serventia do Rev. Pároco, segurando-se e acatelando-se com um fojo o dito adro que assim pode melhor servir para nele se enterrarem os cadáveres que não couberem na igreja e mais funções paroquiais e devotas; por isso o Rev. Pároco no termo de um mês dará conta a S. Excelência com a cópia deste capítulo para se efectuar esta mudança, ficando profanado o adro ou cemitério distinto de que o Rev. Pároco se poderá utilizar com licença: ficando os fregueses obrigados a segurarem o adro e fazerem um fojo no termo de três meses depois da determinação de S. Excelência» (Visita de 23 de Junho de 1765).

Dezanove anos mais tarde, o visitante João António de Sousa

IV — Usos e abusos da nossa Paróquia nos séc. XVIII e XIX

DR. ADÉLIO

insistia para que «se mandassem fazer uns cancelos, por portas para a entrada do adro; e da mesma sorte desviar o rego de água de junto da porta principal da igreja, fazendo o dito rego longe, por junto da casa da Residência» (Visita de 10 de Julho de 1799).

Um outro uso (e abuso) que tinha entrado nas tradições do povo era o de irem fazer certas promessas, chamadas «clamores», herdadas dos antepassados, a ermidas e igrejas de outras freguesias, às vezes até de bem longe, como se de romarias se tratasse, e que no entender do pároco da terra, vigário José Maria Felgueiras, em nada favoreciam os bons costumes, sobretudo da gente moça, que como é sabido, até da devoção sabe tirar recreação». Tanto assim que o dito vigário resolveu cortar o mal pela raiz pedindo ao Arcebispo de Braga a comutação desses clamores, de tal modo que pudessem ser feitos na igreja da própria freguesia. Ora se não, vejamos: «Diz José Maria Felgueiras, vigário da paroquial Igreja de S. Paio de Antas visita do arcediogo de Neiva, que na sua freguesia há o costume de irem a

certas igrejas e ermidas fazerem clamores, sendo alguns com bastante distância da sua freguesia onde ordinariamente vão a semelhantes clamores, mocidade de ambos os sexos e rapazes, indo sem aquele espírito das relíquias, com que deviam, uns por abundar neles a loucura, outros a ignorância, servindo semelhantes juntamentos mais de destruição que de edificação, como a experiência tem mostrado; e porque os votos pessoais não obrigam senão os voventes, como afirmam comumente os A.A. e o pároco de nenhuma forma pode compelir os fregueses a irem cumpri-los ao próprio lugar onde os antigos os prometeram... pede a V. Excelência Reverendíssima se digne confirmar e juntamente comutar os ditos clamores que daqui em diante se façam na própria igreja desta freguesia...». E o texto traz a aprovação do prelado: «Comutamos os clamores para a Igreja da freguesia na forma que se refere» (4 de Novembro de 1825).

Folias da mocidade, e não só, eram também os jogos a dinheiro, de cartas e de bola, os serões e as espadeladas de linho, à noite, que tanto fizeram suspirar as nossas avós (e avós) nesses tempos que já lá vão. Em 1825, na visita que fez à nossa freguesia, a 27 de

Maio, o Padre António Manuel Gomes Teixeira chama a rapaziada «a capitulo»: «Constando-me que nesta freguesia se costumam fazer jogos públicos e a dinheiro, da bola e de cartas, principalmente em dias santos, profanando-se de tal maneira a santidade destes dias com a desmoralização escandalosa da mocidade que assim aprende os vícios de que se deve desviar: recomendo ao Rev. Pároco admoeste e proiba estes jogos excessivos, assim como serões e espadeladas nocturnas, condenando em 5 000 reis pela primeira vez todo aquele que em sua casa os consentir com pessoa de... (ilegível) sexo, para evitar as perigosas consequências de tais adjuntos».

O costume de fazer procissões com os andores dos santos pelos caminhos da freguesia é já anterior a 1790; nada de mal no caso a não ser que não faltava quem no aluguer dos andores «gastasse o que não tinha de seu», e até às vezes sem o consentimento dos pais e se aproveitasse destas procissões para «algumas coisas repreensíveis e indecentes»: «Também fui informado que nesta freguesia se faziam muitas vezes uns cercos à freguesia com os mártires S. Sebastião e mais santos nomeando para isto... (palavra ilegível) dos lavradores e que muitos destes contra a vontade de seus pais obravam algumas coisas repreensíveis e indecentes e fazem gastar em aluguer de andores o que muitos não tinham de seu, ainda

(Continua na pág. 9)

Em frente pelo Ring Gimnodesportivo!

A alegria de voluntários comprova a coragem e entusiasmo com que o sorteio da JAEOCA, Verão/79 foi aceite cá, e nos países de emigração.

O render da nossa dívida de gratidão e amizade para:

Da Silva Oscar	230 F.	Meira Mário	2 000\$00	Bina Barros Viana, Cima	600\$00
Cristina Penteado	1 000\$00	Valdemar Azevedo Neiva	1 000\$00	Fernanda Baeta	300\$00
Inês Pires Laranjeira	88 F.	Maria de Fátima Gonçalves	100 Flo.	Horácio Paulo	220\$00
Cardante Cândida	2 270\$00	Novo Manuel	200 F.	Alfredo da Costa Rolo	1 600\$00
Cirilo Lourenço de Faria	2 000\$00	Crispim Pires Rodrigues	81 Di.	Soma (recelta) total:	82 810\$70
Alvaro Meira Laranjeira	200 F.	Amândio Cruz	50 Di.	+ 3 280 francos franceses	} 44 500\$80
Meira da Cruz Cândido	100\$00	P.e Manuel de Brito Ferreira	2 540\$00	+ 61 Dólares Canadá	
Laranjeira Manuel Joaquim	110 F.	Maria José Torres Neiva	2 000\$00	+ 50 Dólares E. U. A.	
José Enes	200 F.	Anseldo Saleiro Viana	700\$00	+ 100 Florins	
Portela Mateus	220\$00	Fernanda Meira da Cruz	2 000\$00	A propósito, recebemos a seguinte carta do associado Manuel Meira da Cruz:	
Elisa Martins de Oliveira	2 200\$00	António Alves Meira da Cruz	1 160\$00	Lx.ª, 30/8/79	
Manuel Ferrelra da Silva	50 F.	Maria da Graça Barros Gregório	500\$00	Amigo P.e Brito	
De Barros Lino	86 F.	Manuel Faria (Ribeirinho)	2 000\$00	Não restam dúvidas de que o Homem põe e Deus dispõe...	
Bertrand Maria de Lurdes	2 000\$00	Maria Otília Ledo	2 000\$00	Há oito dias consecutivos que afazeres inadiáveis vão protelando uma fugida a S. Paio e que sistematicamente adio.	
Caseiro Avelino	1 500\$00	Maria Faria (Ribeirinho)	2 000\$00	Na impossibilidade de o fazer neste fim de semana, junto um cheque de 50 000\$00 para saldo do câmbio das divisas que para o efeito me foram entregues.	
Fernandes Lopes Manuel	200 F.	Margarida (Portela)	420\$00	Passo a discriminar:	
Alfredo e Amélia Laranjeira, Cachada	3 510\$70	Paulina (Rente)	3 000\$00	Cheque endossado de 50 dólares E.U.A.	2 458\$40
Da Cunha Domingos	200 F.	Ermelinda Ferreira Ledo	4 050\$00	61 dólares (nota de 1 e 2 dólares) Canadá	2 525\$40
Novo David	200\$00	Amélia Neiva	100\$00	3 280 francos franceses	37 392\$00
Torcato Pedreira Rodrigues	— ? —	Maria Ester Saleiro	120\$00	100 florins	2 125\$00
Caseiro Benardo	2 000\$00	Maria Gajeira	2 000\$00	Total	44 500\$80
Amândio Meira da Cruz	120\$00	Virgínia Caramalho	2 025\$00	O excedente é para comprar «palha» para os cavallinhos do Parque Infantil...	
Benedito Cruz	300\$00 + 1 000\$00	Maria Couto	2 000\$00	O câmbio refere-se à cotação de hoje...	
Sampaio Amândio	200 F.	Lúcia Barros (Delgado)	1 000\$00	Para a frente é que é o caminho e dos fracos não reza a História. Até breve. Um abraço do amigo ao dispôr	
Da Cruz Viana Manuel	40 F.	Otília Cunha	360\$00	Manuel Meira	
Machado Raul	2 260\$00	Mário Neiva Viana	200\$00		
Lapeiro Justino	200 F.	Joaquim Pereira Neiva	2 000\$00		
Maria Benilde F. Alvarães	100 F.	Irene Sinaré	1 400\$00		
Eduardo Agra	2 000\$00	Manuel Alves da Cunha	2 000\$00		
Manuel Fernando Viana Sampaio	200 F.	Cassiano Neiva (Sé)	240\$00		
César Augusto Meira Rolo	600\$00	Emprelteiro Lage (Meadela)	1 000\$00		
Do Vale Guilherme	220\$00	Café Moderno (Viana)	1 000\$00		
Maria Pia Pereira Ferreira	3 000\$00	Manuel Viana (Fogueteiro)	2 000\$00		
Cunha Ricardina	200 F.	Lucília Torres Rolo	2 000\$00		
Da Cruz Alfredo	200 F.	Augusta Noiva	2 000\$00		
Da Silva David	200 F.	Isabel do Agrinha (Milheiro)	240\$00		
		Maria Dias	2 000\$00		
		Maria Dias — 2 000\$00 A. C. de Barcelos	+ 200 F.		
		Vitória Fagundes, 2 540\$00	+ 2 000\$00		
		Dulce Vaz Saleiro	1 740\$00		
		Elisabett Mota (Guilheta)	200\$00		

Monumento ao Emigrante

— Uma realidade em 25 de Dezembro

— Dia de Natal!



Emigrantes — quem se lembra de vós? Mereceis-nos todo o respeito e carinho. Sem vós, seríamos mais pobres. Sem vós, não seria possível incrementar o progresso da nossa e vossa aldeia. Sem vós, no Verão, as nossas estradas e caminhos não teriam tanta vida.

Queremos perpetuar tempos a fora o vosso nome, e o nome de quantos já o foram. Eis a razão de ser do Monumento-Homenagem. Uma realidade no dia de Natal: 25 de Dezembro.

E, depois, dá gosto e contentamento — é para nós um prazer reconfortante — ouvir, em plena rua, frases com esta: «Sim, a ideia merece aplauso e apoio».

E, se todos quisermos colaborar talvez, no conjunto, a frase que nos soou aos ouvidos e encheu de júbilo, possa ter repercussões, ecoando estridentemente pelos cinco continentes por onde se espalham os filhos desta aldeia — ANTAS.

Emigrante, com um abraço de despedida, aguardamos e registamos o vosso SIM até ao 25 de Dezembro — data da inauguração, se Deus quiser!

In D. M.

Tribuna do ausente

A real política francesa sobre a emigração

Uma delegação de várias associações de emigrantes portugueses em França deslocaram-se a Lisboa, em meados de Agosto, com o objectivo de chamar a atenção dos órgãos do poder e da opinião pública para a actual política francesa da emigração.

As preocupações da delegação resultam de dois projectos de lei, actualmente em discussão na Assembleia Nacional e no Senado franceses, que, a serem aprovados, facilitarão a expulsão dos emigrantes.

Considerado o contexto em que se inserem estes projectos de lei a inquietação das associações de portugueses é plenamente justificada. Porém, e apesar dos esforços que elas possam desenvolver, tudo leva a crer que a França adoptará estas ou outras medidas com fins idênticos.

Desde o fim da guerra, a reconstrução e o desenvolvimento económico dos países que fazem parte do mercado comum devem-se a dois factores. Primeiramente a injeção de capitais do Plano Marshall, e depois ao trabalho de milhões de emigrantes vindos da Europa pobre e da África do Norte. É neste período que a Europa entra e se instala na grande euforia do «desenvolvimento sem fim».

Mais de milhão e meio de desempregados actualmente

Ora em 1974 rebenta a crise da energia. A subida vertiginosa do preço dos produtos petrolíferos liquida o mito expansionista do pós-guerra, agora incompatível com uma actividade económica drasticamente reduzida.

Num primeiro tempo, que se pode situar globalmente em 1976, os países membros da CEE fecham a emigração, limitando-se a suspender a entrada de novos trabalhadores. Mas esta suspensão não suspende a crise.

Condicionados pelos aumentos sucessivos do preço do petróleo, os países industrializados são confrontados com dificuldades cada vez maiores.

Em 1979, o número de desempregados em França ultrapassa pela primeira vez um milhão e quinhentos mil. A braços com uma crise económica crescente, por um lado, e pelo outro com o perigo de uma explosão social resultante do desemprego, o governo francês decide começar a reduzir o número de emigrantes.

Daqui a necessidade de legislar neste sentido e os dois projectos de lei em questão, os quais, quer se queira ou não, transformam os emigrantes em bodes expiatórios de uma crise de que não são evidentemente responsáveis.

Que futuro para os Portugueses?

A política restritiva da França em matéria de emigração não é pois um acontecimento novo. A legislação que se prepara é apenas uma nova etapa na continuação da mesma política. A questão que subsiste é a de saber onde é que esta política vai conduzir os emigrantes portugueses.

Lionel Stoleru, o secretário de estado francês da emigração, afirmou várias vezes que as medidas restritivas não dizem respeito aos portugueses. Para tal ele invocou a perspectiva da entrada de Portugal na CEE e, a semelhança da delegação das associações de emigrantes, os acordos bilaterais entre Paris e Lisboa.

Resta saber se estas declarações constituem uma garantia suficiente e, a menos que se opte pela política da avestruz, a resposta é inevitavelmente negativa.

Ao longo da história, as considerações humanitárias e os «tratos solenes» raramente prevaleceram sobre os interesses políticos e económicos dos estados. «A Inglaterra não tem amigos permanentes: Ela tem apenas interesses permanentes», costuma dizer Palmerston, o primeiro ministro da rainha Vitória.

Regresso inevitável a médio prazo?

Quanto aos acordos e tratados, basta recordar que, em 1940, a Bulgária e a Jugoslávia assinavam

um «pacto de amizade eterna». No ano seguinte declaravam-se a guerra.

No que diz respeito à emigração, os próprios italianos, membros de parte inteira do Mercado Comum, foram recambiados aos milhares para a Itália, quando a crise assim o exigiu.

De momento, nada permite estimar que a mesma crise poderá ser resolvida nos próximos anos e

menos ainda que a Europa entrará num novo período de expansão.

Sendo assim, tudo indica que a margem de manobra das autoridades portuguesas está reduzida, neste caso e na prática, a tentar prever e limitar, tanto quanto possível, os efeitos negativos do regresso dos emigrantes, o qual parece inevitável a médio prazo.

Festa dos Emigrantes

Apesar de nos abstermos de tecer qualquer referência à festa dos Emigrantes, a pedido da Comissão/79 cessante, apresentamos a lista das ofertas, despesa e nomes indigitados para a nova comissão/1980.

Cândido Silva da Cunha e Ricardina, Antas, 200 f.; Anónimo, Belinho, 50 f.; Anónimo, Belinho, 50 f.; António Viana Alves, Antas, 50 f.; João Viana Sampaio, Antas, 50 f.; Manuel Viana da Cruz, Antas, 50 f.; Francisco Silva da Cunha, Belinho, 100 f.; Alberto Silva da Cunha, Belinho, 100 f.; António Viana da Cruz, Antas, 100 f.; Carlos Carvalho, Tomar, 30 f.; Manuel Ferreira de Gaia, Espinho, 20 f.; José Carvalho, Tomar, 10 f.; David Laranjeira, Leiria, 20 f.; Armando Veiga, Monção, 10 f.; Gabriel Luiz, Albaiase, 20 f.; Arménio Gonçalves, Antas, 100 f.; Ernesto Pereira da Cunha, Antas, 1.000\$; Joaquim Alves, Forjães, 100\$00; Maria de Fátima Pereira da Cunha, Antas, 2.000\$00; Lúcia Sampaio, 50 f.; Amândio Sampaio, 100 f.; Manuel Fernando Sampaio, 100 f.; Valdemar Neiva Azevedo, 100 f.; Manuel Costa, 100 f.; Manuel Agra, 50 f.; José Novo, 50 f.; David Novo, 50 f.; Fernando Lopes, 30 f.; Abel Rolo Agra, 100 f.; José Enes, 100 f.; Aurélio Neiva, 50 f.; Júlio Fernando, Forjães, 50 f.; Manuel Almeida da Cruz, 50 f.; Armando Enes, 50 f.; Cândido Enes, 50 f.; Emílio Enes, 50 f.; Eduardo Agra, 100 f.; José Viana

Agra, 50 francos; Manuel Pereira, 1.500\$; Mário Sinaré, 500\$; Luiz Soares, 500\$00; Manuel Joaquim Pinto Carvalho, 500\$; José e Umbulina Rolo, 500\$00; Manuel Augusto da Costa Cruz, 1.000\$; Rogério Rolo, 1.200\$; Aurélio Faria Rolo, 100 f.; Basílio da Cruz Neiva, 1.000\$; Domingos Rodrigues, 200\$; Manuel Meira Novo, 500\$00; Manuel Ferreira Rodrigues, Argentina, 1.000\$; António Agra, 250\$; Laurentino Faria Rolo, 1.200\$; Benedito Faria da Cruz, 1.000\$; José Viana Meira Torres, 500\$; Manuel Portela, 1.000\$; Armando da Costa Azevedo, 500\$; António Viana Agra, 500\$; Maria Isabel Saleiro Sampaio, 500\$; Manuel Augusto Saleiro Sampaio, 100\$00; Armando da Costa Azevedo, Argentina, 500\$; Manuel Augusto Neiva Meira da Cruz, 1.000\$; Manuel Ferreira da Cruz, 500\$; Adélio Sá, 100 f.; Mário Meira, 100 f.; Alfredo Rolo, 100 f.; Horácio e Amélia Laranjeira, 100 f.; Mário e Lucília, 100 f.; Joaquim dos Anjos, 100 f.; José Azevedo, 100 f.; Manuel Torres, 50 f.; José Sá da Silva, 50 f.; Abel Sá, 50 f.; Alexandre Laranjeira, 50 f.; David Rolo Soutelo, 100 f.; Ramiro Azevedo, 50 f.; Rosária da Joaquina, 50 f.; Bernardo Viana do Vale, 50 f.; Domingos Azevedo, 50 f.; Otávio Rodrigues Martins Faria, 500\$; Jaime Sá da Silva, 100\$; António Vieira, 200\$; Domingos Barros, 100\$; Manuel Calçada, 100\$00; Anónimo, Monte, 500\$; António Rabadas, Argentina, 500\$; Raul Sampaio da Cruz, 200\$; Manuel da Cruz Laranjeira, Argen-

tina, 500\$; Albino da Cruz Laranjeira, Argentina, 500\$; David Fernando da Silva Faria, 100\$; Manuel Lopes Ferreira, 200\$; Henrique Vitorino, 200\$; Manuel Azevedo da Cruz, 100\$; Fernando da Silva Pires, 200\$; Maria Celina da Cruz Laranjeira, 100\$; Maria Adélia da Costa Enes, 100\$; Mário Viana Saleiro, 60\$; Mário Neiva da Silva Poças, 50\$; Hilário Sampaio Viana, 50\$; Mário de Sá Barros, 200\$; Manuel Augusto Rolo, 100\$; Domingos Sampaio da Cruz, 50\$00; Serafim Rolo, 50 f.; Amélia Rolo, 50 f.; Álvaro Laranjeira, 100 f.; Manuel Laranjeira, 100 f.; José Laranjeira, 50 f.; Eugénio Laranjeira, 50 f.; António da Costa, 60 f.; Augusto da Costa, 50 f.; Olímpio Dias, 50 f.; Manuel da Silva, 50 f.; Augusto Torres, 100 f.; Francisco Torres, 50 f.; Manuel Cardoso, 100 f.; Joaquim Bedulho, 50 f.; Rui Pires, 20 f.; José Barros, 10 f.; José Machado, 50 f.; Amadeu Silva, 100 f.; Agostinho Laranjeira, 50 f.; Torcato Gonçalves Pereira, 1.000\$; Christian Turquin, 100 f.; Manuel Augusto Meira Laranjeira, 1.000\$; Manuel de Barros Pereira, 200\$; José Gregório, Guilheta, 100 f.; Cândida Faria Neiva, 100 f.; Manuel Adão Martins L. Pereira, 100 f.; Fernando e Alice Pereira, 50 f.; David Fernandes da Silva, 100 f.; Aurélio Costa, 50 f.; Nuno Pereira, 50 f.; Manuel Monte, 50 f.; Otilia Silva, 50 f.; Abel Coelho, 50 f.; José Torcato Meira Gonçalves, 1.000\$;

(Continua na pág. 8)

A MARCHA DE PROTESTO vira nova e bela página da História do povo de Antas (S. Paio)

à Câmara de Viana, para pôr estas objecções, tendo-nos sido dito que iam estudar uma alternativa ...»

Nós propusemos que fizessem como com a «Celnorte», em que obrigaram o proprietário a lançar os resíduos no mar, para poupar o rio Lima.

«Nós pretendemos que o Neiva, que é um dos poucos rios limpos neste país, seja também poupado».

O presidente da Junta explicou-nos que, além de irrigar as culturas, o rio é o sustento de muitos pescadores, que não querem ver a fauna fluvial exterminada e é muito

procurado para a pesca desportiva, sobretudo de trutas.

«Lei do menor esforço»

«Porque é que não seguem o exemplo da 'Celnorte'? Lá por ser a Câmara a responsável do futuro

complexo industrial, não podem seguir outros critérios e agir segundo a lei do menor esforço, instalando as condutas por aí abaixo até ao Neiva. Claro que é mais fácil. Fica sempre a descer! Mas nós é que pagamos ...».

Manuel Cruz afirmou-nos que,

-cheirosa a matar os peixes, o gado e a gente».

Note-se, por fim, que nenhum pessoal afecto à zona industrial compareceu para executar os seus trabalhos quotidianos face à manifestação realizada por aquela multidão.

Entretanto, o presidente do Município vianense tomou posição neste caso. Segundo informação divulgada pela ANOP, o presidente afirmou que a conduta destruída pertence a «fábricas limpas» e que é «preocupação do Município não dar cabo do rio Neiva». O presidente do Município de Viana do Castelo disse ainda que é intenção da Câmara levar as condutas do esgoto para o mar.

(«Jornal de Notícias» 11-8-79)

embora lhe tivessem prometido resposta imediata, esta não veio, mas a obra continuou.

«Não estivemos com meias medidas. Na sexta-feira reunimos a população no salão paroquial e hoje (ontem) fomos levantar as condutas».

Na opinião do nosso interlocutor era a única atitude.

Se entrávamos no jogo de enviar papelinhos para a Câmara, nunca mais daqui saíamos. E se nos vissemos obrigados a levantar a conduta quando as fábricas já estivessem em laboração ainda era pior...».

Refira-se, por fim, que, segundo testemunhos de vários populares não se registaram quaisquer incidentes no decorrer da manifestação. Passou no local uma força da GNR, mas retirou.

Que sucederá se as obras forem recomçadas?

O Presidente da Junta respondeu-nos laconicamente:

«Vamos lá e fazemos outra vez o mesmo».

Alguns populares deram-nos a entender que endureceriam ainda mais as suas formas de luta, partindo as secções da conduta, em vez de se limitarem a retirá-las.

Entretanto, segundo um telex da ANOP, o presidente da Câmara de Viana terá exprimido a intenção da Câmara de «levar as condutas para o mar».

(«Primeiro de Janeiro» 11-8-79)

MANIFESTAÇÃO POPULAR PROTEGE O RIO NEIVA

- Em questão o esgoto da zona industrial

O povo de S. Paio de Antas, S. Romão do Neiva e Castelo do Neiva tomou a decisão de impedir a construção da conduta de esgotos da zona industrial de Viana do Castelo, já feita na extensão de algumas centenas de metros. Uma manifestação de cerca de seis mil pessoas, dos dois sexos e de todas as idades, inutilizou a referida conduta enquanto os participantes juravam que tornariam a fazê-lo todas as vezes que fosse tentada a reconstrução daquela obra.

Esta atitude do povo das referidas localidades tem motivações já um tanto antigas. Com efeito, há tempos que o povo das freguesias de S. Paio de Antas e S. Romão do Neiva, ambas banhadas pelo rio Neiva, tem vindo a prestar a sua melhor atenção ao destino que ia ser dado ao colector geral do esgoto da zona industrial, implantada em terrenos de Anha.

Exprimindo esta preocupação, as juntas de freguesia daquelas duas localidades chegaram a solicitar uma audiência na Câmara Municipal, com a presença do arquitecto responsável pela obra, mas sem resultado. Entretanto o colector começou a ser instalado, orientando-se para um pequeno ribeiro, afluente do rio Neiva. A população compreendeu deste modo que dejectos oriundos da zona industrial iam passar a ser lançados para o citado ribeiro, que por sua vez o despejaria no rio.

Convém no entanto frisar que o ribeiro se encontra seco nesta altura do ano, se não quase todo o ano, enquanto o rio Neiva se reduz a um mínimo fio de água. O povo imaginou sem dúvida toda a poluição que passaria a ter de suportar, naquela «vala a céu aberto», inclusivamente na atmosfera, com o ribeiro seco e o rio quase nas mesmas condições. Além disso, também se tornou evidente toda a poluição que iria afectar as praias de Castelo do Neiva e de S. Paio de Antas ambas muito concorridas nas épocas balneares além de serem ainda importantes zonas de pesca. Aliás, é em Castelo do Neiva que se situa a fonte de abastecimento de água da própria cidade de Viana.

Assim, as populações, reagiram e, ontem de manhã, começaram a aglomerar-se a partir da ponte sobre o rio Neiva numa manifestação que reuniu povo de S. Paio de Antas, S. Romão do Neiva e Castelo do Neiva. Via-se gente de todas as idades e sexos, muitos jovens. Todos seguiram munidos de enxadas, picaretas e pás, num total aproximado de umas seis mil pessoas.

A multidão avançou em direcção à zona industrial, até ao local onde se procedia à instalação da canalização dos esgotos, já concluída, como dissemos, numa extensão de algumas centenas de metros. Sem

demora, a multidão entregou-se à tarefa de desmantelar a obra feita, retirando os tubos de cimento já ligados uns aos outros e no terreno, e em seguida arrasando as valas abertas.

Entretanto, entre a massa da multidão, moviam-se portadores de faixas com frases que soavam como palavras de ordem. Destacamos as seguintes: «A Celnorte lançou os esgotos no mar. Façam o mesmo»; «A conduta não seguirá»; «Esgotos para o rio Neiva, nunca»; «Não nos matem o gado nem os nossos filhos»; «Não nos matem os campos»; «Não façam do rio Neiva

uma fossa»; e «Queremos empregos e não porcaria».

Enquanto decorria a demolição, ouviram-se juras e promessas veementes de que todo aquele trabalho da população se repetiria sempre e quando fosse tentada a reconstrução daquela obra. Proclamou-se que na zona industrial se deveria montar um colector de esgoto directamente para o mar, tal como fez a Celnorte, e não para o rio Neiva, «onde bebem as nossas vacas». Outras vozes gritaram: «Só ele é a piscina possível para os nossos filhos» e «Ele (o rio) não pode tornar-se uma poça mal-

UM ALERTA CONTRA A POLUIÇÃO: População do Vale do Neiva desmantela conduta de esgotos da Zona Industrial da Cidade

Mais de dois mil habitantes das freguesias de S. Paio de Antas, S. Romão e Castelo do Neiva, com pás, picaretas e outros instrumentos de trabalho, desmantelaram ontem, pelas 8 horas, a conduta de esgotos da zona industrial, numa atitude de protesto e alerta contra a perspectiva de poluição do rio Neiva, local onde seriam lançados os resíduos.

Esta atitude foi o culminar de uma série de contactos entre uma comissão composta por elementos da Junta daquela primeira freguesia, pároco local e outros habitantes, com a Câmara Municipal de Viana do Castelo. No primeiro contacto com a autarquia vianense, as populações avançaram no pedido de paralização das obras de construção da conduta e que se procedesse, entretanto, a estudos sobre uma alternativa.

Num posterior contacto, a comissão de populares constatou que, quer o presidente da Câmara, quer os técnicos responsáveis, não tinham planos de infra-estruturas o que estava a ser feito era, simplesmente, entubar todos os esgotos da zona industrial para um ribeiro afluente do Neiva e para a ribeira de Anha, havendo apenas a garantia de que as indústrias iriam tratar os seus resíduos.

Em conversa com um membro daquela comissão, arquitecto Noé Dinis, este afirmaria à reportagem de «O Comércio do Porto»:

«Nós avançamos com uma alternativa: bombar da cota mais alta da zona industrial. Daí, e depois de tratados, os efluentes seriam lançados ao mar, à semelhança do que a Câmara obrigou a Celnorte a fazer, não autorizando o lançamento de detritos no rio Lima.

Não há dúvida que o Lima é um rio importante. Viana uma cidade importante, mas para esta gente os seus campos, o gado e o rio, que é a sua zona de recreio no Verão, também são importantes. Além do mais, é inconcebível

como se executa um projecto destes, numa zona industrial criada de raiz contrariando todo o espírito de um perímetro industrial. Para isso bastam as indústrias que se instalam ao longo dos rios, sem precauções de espécie nenhuma».

E acrescentaria: «Nós temos aqui o exemplo da fábrica de resinas, montada junto ao Neiva, e que não trata os seus resíduos. Já em tempos a gente de S. Paio pressionou essa fábrica a resolver o problema, mas não teve resultados».

A conduta avança com estudos por fazer

Continuando na auscultação dos motivos que levaram as populações do Vale do Neiva a desmantelarem a conduta de esgotos da futura zona industrial de Viana do Castelo. O elemento da Comissão acrescentaria:

«O presidente da Câmara ficou de mandar fazer um estudo sobre este problema. Nós acreditamos que o faça. Simplesmente pedimos, de boa vontade, que enquanto ele não se faz, a conduta não avance. O facto é que ela tem avançado, e o povo veio cá tapa-la e parar o que está efectuado. Vimos numa missão de paz, não vamos estragar nada. Estamos apenas, e num gesto simbólico, a levantar as argolas da conduta e a arrumá-las para o lado da vala.

«A partir daqui iniciamos um protesto que não sabemos bem até onde irá. Nós não autorizamos que toquem no Neiva. Já nos basta a fábrica de resinas, e agora as 30 ou 40 da zona industrial a drenarem para o rio, achamos que já é demais».

Rio de valor inestimável

Para a população desta área do rio Neiva, ele tem um valor incalculável. É dele que tiram a água para os campos, para o gado e mesmo para o abastecimento das habitações, através de poços espa-

lhados pelas suas margens. Estes foram os motivos que levaram na passada sexta-feira, as populações a decidirem em reunião, a tomada desta atitude.

Populares participantes nesta acção, acrescentar-nos-iam o facto de o lançamento de resíduos se efectuar num pequeno ribeiro afluente do Neiva, que no Verão se encontra praticamente seco, mas no Inverno alaga completamente os seus campos de cultura. Daí o perigo ser enorme quanto há possibilidade de poluição de uma zona essencialmente agrícola.

Contudo, alguns afirmariam: «Nós não estamos contra a zona industrial. Queremos que ela se construa, pois são novos postos de trabalho que se criam. Não queremos é que poluam o nosso Neiva».

Este problema começou a tornar-se o assunto principal das conversas na freguesia, de há tempos a esta parte. A certa altura, a Junta de Freguesia e alguns moradores acharam conveniente uma tomada de posição, até porque o assunto já tinha sido ventilado na Assembleia Municipal de Esposende, que transmitiu as preocupações da população à Câmara de Viana, por intermédio da sua edilidade.

Presidente da Câmara lamenta o sucedido

Em contacto com o Presidente da Câmara de Viana do Castelo,

António Cunha, este comentaria o sucedido da seguinte forma:

«Lamento bastante aquilo que se está a passar, pois não há dúvida nenhuma que o assunto foi esclarecido a essa comissão, e a Câmara deliberou pedir o apoio de técnicos para se fazer o estudo do lançamento dos resíduos directamente no mar, até porque a distância é relativamente pequena.

«Depois da Comissão de S. Paio cá ter estado, o problema foi levado à reunião da Câmara e discutido novamente na presença da mesma comissão. Aí foi explicado que o assunto tinha sido estudado por técnicos competentes e que o regulamento da zona industrial prevê que as unidades industriais tenham a seu cargo a instalação de dispositivos de tratamento necessários para cada caso.

«Neste momento devo dizer que as populações podem ter muita razão, mas o que tenho a certeza absoluta é que não estão essencialmente bem informadas do projecto da Câmara. Da deliberação tomada há dias pela Câmara, foi acordado enviar cópia à Câmara de Esposende. É muito natural que não a tivessem recebido, pois os nossos Serviços Administrativos estão com atrasos, devido a férias do pessoal. Daí esta atitude».

«Comércio do Porto», 11-9-79

À Câmara Municipal de Esposende — Eng.º Losa
À Junta de Freguesia de Antas — Manuel Ferreira da Cruz
À Comissão de Moradores das margens do rio Neiva — Entre muitos, os Arquitectos Noé Diniz e Rogério Cavaca
Aos milhares de manifestantes
Pelo esforço incansável, pela vitória obtida, parabéns e em nome dos nossos vindouros — muito obrigado! Bem hajam!

«Voz de Antas», aqui regista o imortal acontecimento e aludirá ao mesmo em todos os anos — 10 de Setembro!

SOUBEMOS E REGISTAMOS

A poluição do Rio Neiva ia ser um facto. Um mimo que se ia ficar a dever à Zona Industrial de Viana do Castelo.

O povo de Antas resolveu dizer «NÃO». E fê-lo com o mesmo entusiasmo e decisão com que disse «SIM» à construção do salão paroquial, às outras obras paroquiais, aos cortejos de oferendas, e a tudo que diz respeito ao bem comum... e à defesa de inocentes, quando injustamente caluniados!

Dai a sua jornada de luta do dia 10 de Setembro! O rio Neiva não pode ser conspurcado, porque tem de continuar a ser a piscina das nossas crianças e dos nossos jovens!... Ao ver o desfile ordeiro e o trabalho realizado apenas podemos dizer:

BRAVO BOM POVO DE ANTAS!

*«Com tão pouco que fazer
Em obras de rebotelho,
Já não há razão de haver
Ministério do Trabalho.*

*Para o substituir,
Acho que o governo deve
Sem demora Instítuir
O Ministério da Greve.»*

Talvez não seja descabida a ideia, já que parece haver quem prefira a greve ao trabalho. E de que maneira! E em que quantidade!

Depois de dissolvida a Assembleia da República, os deputados vão continuar a receber os vencimentos como se estivessem em efectividade de serviço.

Situação confortável! Pena é que não possam sentir a triste situação dos desempregados. É que talvez começassem a pensar a sério no desemprego! E talvez desaparecesse o malabarismo de palavreado!!! O PS porém, já nos habituou há muito a defender «tachos» para os seus apaniguados!

Transcrevemos: «Está visto que em Portugal, nesta fase de instauração democrática, as duas coisas mais fáceis de alcançar são o desemprego e um cargo de ministro...»

Mais uma originalidade! E que originalidade!

Os socialistas lamentaram e continuam a lamentar os elevados custos das eleições intercalares!...

E porque não lamentam os elevados prejuízos das Empresas Nacionalizadas?! Não serão maiores do que o custo das eleições intercalares?!

Há quem diga que o Governo Mota Pinto foi o governo mais à direita, depois do 25 de Abril. Mas há também quem afirme que foi o mais eficaz.

Terá sido por isso que a esquerda se encarniçou tanto contra ele?!

*«Após um Pinto, tivemos
Pintassilgo nomeada.
É bem certo: estamos todos
Entregues à bicharada...»*

Continua-se a fazer humor. É a maneira de ser dos portugueses. Mas era necessário que além do humor se fizesse algo mais!

Olegário afirmou que António Correia de Oliveira era o maior poeta lírico de Portugal, dizendo que a sua poesia «consegue o mi-

lagre de espelhar a vida tal qual o destino a fez, sem malícia, sem exageros, sem mentira».

Há porém quem discorde desta opinião abalizada de Olegário Meriano. Em nossa opinião porém, quem discorde fá-lo por ignorância, por ódio ou por falta de estudo da obra de Correia de Oliveira!

Na tomada de posse como chefe do Governo, afirmou Maria de Lurdes Pintassilgo: «Não fecharemos os ouvidos a quem disser que os tempos são duros, que a vida está cara, que sobre o povo cai pesada carga».

Não basta. Mais que «não fechar os ouvidos» era preciso aliviar o peso da carga do povo. E haverá força e coragem para limpar o país dos parasitas que enxameiam Portugal?!

Aproximam-se as eleições. Foi o suficiente para que Mário Soares nos viesse dizer que os socialistas não são marxistas!... (Depois das eleições... a conversa será outra!).

Já toda a gente se habituou a estes malabarismos socialistas!

Um missionário de Angola escreveu em carta recente: «Já sabe que me tiraram a casa, a capela, o carro?... Custou-me muito a deixar a capela, sobretudo, pois eu mesmo a construí. No entanto a Igreja continua e até talvez mais firme, porque é feita de pedras vivas e não de pedras mortas». Eis a liberdade por que tanto lutam os marxistas!

Mário Soares fez mais uma viagem. Desta vez até à Nicarágua. A chegada mostrou-se muito preocupado com o povo desse país! Até ficamos com inveja. Gostávamos que mostrasse o mesmo interesse pelos problemas do nosso povo! Mas parece fingir ignorar esses problemas!...

Muito comovedor o pedido dos socialistas a favor do povo da Nicarágua! Até porque em Portugal não há ninguém a precisar da «caridadesinha» dos socialistas!!!

Mais uma transcrição:

*«Uma verdade se exprime,
Que já sabemos de cor:
Ser marxista não é crime;
Mas não o ser é melhor.»*

Para conquistar votos até Mário Soares é capaz de estar de acordo... Nós concordamos... mesmo sem o cálculo dos votos!

A Setenave comemorou o aniversário da nacionalização da Empresa, isto é, o início do seu descalabro, não trabalhando...

Assim se pretende restabelecer a economia do país!...

«Nunca haverá em Portugal uma aliança entre os socialistas e os comunistas», afirmou Mário Soares.

A maioria das leis que temos de cumprir neste país, porém, foi «forjada» pela «maioria de esquerda». Isto é, pela aliança dos comunistas com os socialistas. Isto não o pode desmentir Mário Soares!

Dizem-nos que Sousa Franco se sentia imensamente enojado com a política.

Bastou que Maria de Lurdes Pintassilgo lhe oferecesse uma pasta de Ministro para que o nojo desaparecesse!

Porque será que os ex-deputados do PSD são considerados tão competentes para ministros... mas só depois de hostilizarem Sá Carneiro e o Partido Social Democrático-Gostávamos de saber!!! Se gostávamos!!!

Em relação à nomeação de Maria de Lurdes Pintassilgo para chefe do Governo vimos escrito:

*«O Camarada Cunhal
Não se lhe opõe, já se vê,
Pois já era há um ano e tal
Candidata do PC.»*

*Se nos anos de sessenta
Era amiga do Marcelo,
Como é que hoje se contenta
Com a folce e o martelo?»*

Originalidades!

Nunca nenhum católico se mostrou tão ardoroso defensor do catolicismo de Maria de Lurdes Pintassilgo como o Partido Comunista.

Porque será?

Caiu-nos debaixo dos olhos um folheto da SIR-PCP, profusamente espalhado cá pelo nosso burgo. Falava-nos da Aliança Democrática (Carneiro, Freitas e Telles, Lda.) comparando-a a uma Agência Eleitoral e fazendo propaganda de Enteros de 1.ª classe!...

Curioso! O PCP pelos vistos preocupa-se com a Aliança Democrática que desde já considera um cadáver!!! Mas com os cadáveres só os vermes costumam preocupar-se!...

Transcrevemos: «Sempre unidos venceremos, se não empatarmos... perdemos».

Quem mais costuma falar de unidade (para desunir) é o PC. Ser dele que se fala?! Até parece!

Em alusão à queda de governos vimos escrito: «Desde Julho de 1976 já lá vão quatro. Todos juraram durar até 1980. Todos caíram muito antes».

E de 25 de Abril de 1974 até Julho de 1976 não terá caído nenhum?! Ou será que o PCP já se esqueceu?! É para admirar!!!

Dizem-nos que com o novo Governo foi feita a substituição em bloco da Direcção da Polícia Judiciária!

Será por razões de maior eficácia, isenção e imparcialidades?! Gostaríamos de acreditar!

Os socialistas não lamentaram a última subida de preços. Apenas lamentaram que não tivesse sido feita mais cedo, isto é, no governo Mota Pinto. Ficaram com pena de não poderem «malhar» um pouco mais em Mota Pinto!!!

Imaginem como os socialistas são nossos amigos!!! Queriam que a vida nos fosse mais dura um pouco mais cedo!

Tempos atrás, Álvaro Cunhal afirmou em Braga que um católico podia ser comunista! Agora os seus apaniguados foram mais longe: espalharam uma pagela policopiada a confirmar a tese de

Cunhal. E para que a confusão fosse maior, entre os incautos, a pagela vem ilustrada com a imagem do Sagrado Coração de Jesus!...

Católicos, abri os olhos! Vede até onde pode chegar a canalhice, quando não se olha a meios para conseguir os fins! Isto nada mais representa do que a caça ao voto seja por que preço fôr!

Dizem-nos que o Parque de Monsanto está a ser mutilado para que os comunistas possam fazer a festa do «Avante!» «Não há dúvida que os comunistas gostam muito de festas!»

A poluição espelha-nos por toda a parte! Nem o Parque de Monsanto escapou!

REPÓRTER BANAL

CENTENÁRIO DE «O POETA»

Actos comemorativos

1. S. PEDRO DO SUL

Terra natal de Correia de Oliveira. Cerimónias comemorativas nos dias 28 e 29 de Julho findo. Sessão solene presidida pelo representante do Secretário de Estado da Cultura. Realizada no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários daquela vila. Presentes várias personalidades ligadas ao Poeta e à Cultura Portuguesa. Autoridades eclesásticas. António Sotto-Mayor Correia de Oliveira, filho do poeta. Outras individualidades.

Conferencista o Prof. Cruz Pontes da Universidade de Coimbra. A palestra versou sobre o tema: «O poeta Correia de Oliveira e as paisagens da sua infância; confidências do seu coração, imagens e poemas».

No dia 29, Missa de sufrágio na Igreja Matriz daquela Vila. Finalizada aquela descerrou-se uma lápide na base do monumento erigido ao poeta em 1953.

2. LISBOA

Até agora apenas temos conhecimento de uma palestra proferida por Mons. Moreira das Neves. No dia 5 de Julho. Almoço-convívio mensal do «Círculo Eça de Queirós».

3. BRASIL

No Rio de Janeiro. Casa de Lafões. Dia 28 de Julho passado. Palestra sobre a vida e obra do poeta. Assinalava-se assim a passagem do Centenário do Nascimento de Correia de Oliveira.

4. ANTAS

Dia 30 de Julho, eucaristia presidida por D. Eurico Dias Nogueira, Arcebispo-Primaz de Braga, na Capela de Nossa Senhora do Rosário. Na altura proferiu uma homilia alusiva à data que se estava a viver. Noutra local transcrevem-se partes dela.

Serão efectuadas outras actividades, através de uma comissão organizadora e patrocinadas pelo Sector de Cultura da JAEOCA.

5. OUTRAS

Projectadas outras actividades pelo país. Em Viseu e Braga. No Porto organizadas pela Fundação António de Almeida. Em Esposende, não são conhecidas, até agora, quaisquer actividades. Aguardemos!

Festa dos Emigrantes

(Continuação da pág. 5)

Domingos Cunha, 1.000\$; Manuel e Fernanda Meira, 500\$; Júlio e Conceição Gomes, 500\$; José e Emília Noro, 100\$; José e Teresa Rios, 500\$; Manuel e Cândida Faria, 800\$; Emílio Barbosa, Coura, 100\$; Domingos e Alentina Vitorino, 1.000\$; Guilherme e Alzira Viana do Vale, 500\$; Manuel e Maria Afonso Pereira, 1.000\$; Manuel da Cruz Sá, 500\$; Bertrand Michel e Maria de Lurdes Sá, 500\$; António da Cruz Rolo Viana, 500\$; Domingos Martins Torres, 50 f.; António Xavier da Costa, 200\$00; Crespim Pires Rodrigues, 10 dól.; António Taró, 500\$; Manuel Laranjeira Caré, 50 f.; Manuel Gonçalves Chasco, 500\$; António da Cruz Vale, 200\$; Torcato da Pedreira, 100\$; Manuel Fernandes Lopes, 1.000\$; José Gonçalves Chasco, 500\$; Manuel Chasco (filho), 500\$; Manuel Augusto Dias, 500\$; Manuel Mota Antero, 500\$; Augusto do Bernardo, 1.000\$; Lú-

cia Crespo, 500\$; Domingos do Salgueiro, 300\$; Manuel do Coxo, 500\$00.

DESPESA

Rancho de Braga, 14.000\$00; Rancho da Trofa, 12.000\$00; Cantadores, 9.000\$00; Fogo Preso, 21.000\$00; Alto-falante e Iluminação, 8.000\$; Programas, 7.000\$; Fogo do ar, 5.100\$00; Segurança do Fogo, 1.400\$00; Aluguer do Palco, 2.000\$00; Guarda Nacional Republicana, 2.000\$00; Coro Infantil, 1.000\$00; Luz 1.000\$00; Organista, 500\$00; Despesas Diversas, 2.637\$00.

COMISSÃO PARA A FESTA DO EMIGRANTE DO ANO 1980

Manuel Fernandes Lopes, Manuel Gonçalves Chasco, Mário de Azevedo e Sá, Guilherme Meira do Val, Manuel Fernando Viana Sampaio, José Viana Meira Torres, Manuel Afonso Pereira, Rogério Faria Rolo e Joaquim Gregório.

Frente solidária para a "Voz de Antas"

Setembro de 1979

Manuel Lourenço de Faria (Alemanha)	250\$00	Lívia dos Prazeres A. da Silva (Vila Real)	200\$00	José Ferreira de Gregório (França)	200\$00
António Alves de Azevedo (Belinho)	200\$00	Manuel Lourenço de Faria (Brasil)	200\$00	Manuel António Rodrigues Meira (França)	500\$00
Lúcia Meira Rolo (Canadá)	500\$00	Manuel de Sá Calheiros (Trofa)	300\$00	Comissão da Festa de Nossa Senhora das	
Maria de Fátima M. Gonçalves (Holanda)	500\$00	José Viana da Cruz (Monte)	500\$00	Vitórias (Antas)	2.000\$00
José Alves da Cruz (Argentina)	200\$00	Emília Jaques Vieira (Castelo do Neiva)	500\$00	Augusto Meira Torres (França)	500\$00
António Moreira, e Elisa (Bélgica)	500\$00	David Eiras Novo (França)	150\$00	Benedito Lourenço de Faria (França)	500\$00
Manuel Gonçalves Ribeiro (Monte)	150\$00	Horácio Alves Rolo (Azevedo)	200\$00	Alice Cruz	500\$00
Isabel Gonçalves (Viana do Castelo)	300\$00	Cândido Moreira de Faria (Argentina)	150\$00	Ramiro Arezes (França)	300\$00
Laurentino Meira do Vale (Azevedo)	500\$00	António Faria Ribeiro (Forjães)	150\$00	Domingos da Silva Salgueiro (França)	300\$00
Albino Faria da Cruz (Argentina)	500\$00	Eduardo Martins (Belinho)	250\$00	Floriano Pereira de Barros (Estrada)	150\$00
José Narciso Novo (França)	300\$00	Manuel A. Ferreira de Azevedo (Chaves)	300\$00	Ana de Jesus de Almeida Torres (Azevedo)	150\$00
Manuel Alves da Cruz Lajoto (França)	500\$00	Domingos da Cruz Gomes (Santo Tirso)	300\$00	Serralharia Cunha (Belinho)	500\$00
Hereflia Saleiro da Cruz (Austrália)	500\$00	Manuel Augusto da Costa Cruz (França)	500\$00	Manuel Ferreira Ledo (Alemanha)	1.000\$00
António Gomes Moreira (França)	500\$00	Manuel Faria da Costa (França)	500\$00	Manuel Ferreira da Silva (França)	1.000\$00
Manuel da Costa G. Pereira (França)	500\$00	José Ferreira Rodrigues (França)	600\$00	Cândido Meira da Cruz (França)	250\$00
Carlos Alberto Maia Laranjeira (França)	150\$00	Anónimo	200\$00	António Afonso Vaz Saleiro (Belinho)	200\$00
Domingos de Azevedo Saleiro (Porto)	400\$00	Maria Rodrigues (França)	300\$00	Ramiro Neiva Meira da Cruz (Austrália)	500\$00
Armando da Costa Azevedo (Argentina)	1.000\$00	Alvaro Meira Laranjeira (França)	500\$00	Amândio Neiva Meira da Cruz (Austrália)	500\$00
António Lourenço de Faria (Monte)	200\$00	Manuel Baeta Dias (França)	500\$00	Augusto Neiva Meira da Cruz (França)	300\$00
Cândida Meira Laranjeira (Alemanha)	550\$00	António Ferreira Maia Alvarães (França)	500\$00	Manuel Almeida da Cruz (Belinho)	200\$00
António Vieira da Costa Portas (França)	1.000\$00	Isménia de Jesus Costa (França)	228\$00	José da Costa Portas (França)	150\$00
António Manuel G. de Barros (França)	200\$00	Artur Alves Moreira (Lisboa)	200\$00	Cândida Faria Neiva (França)	400\$00
António C. do Vale, e Rosa Maria (França)	500\$00	Mário de Barros (França)	100\$00	Felisminda da Cruz Barbosa (Argentina)	500\$00
Maria de Lurdes Bertrand (França)	200\$00	Domingos Viana da Cunha (França)	400\$00	Domingos Laranjeira da Silva (França)	500\$00
José Pires Alves Rolo (França)	558\$00	David Fernandes da Silva (França)	500\$00	Cândido da Silva Poças (Angola)	500\$00
		Alfredo da Costa Rolo (França)	500\$00	Amadeu Martins Meira (Brasil)	500\$00
		Domingos Pereira de Barros (França)	300\$00	Domingos Alves da Cruz (Cima)	200\$00
		Cândido Ribeiro dos Santos (Belinho)	200\$00		

Memórias do passado

Não há muitos dados conhecidos acerca da Capela de Nossa Senhora dos Remédios; sabe-se que o Rev. Sr. Padre António Martins Ledo a comprou a uma família de S. Romão de Neiva, não se sabendo porque artes essa família era proprietária da mesma. Depois que o Rev. Sr. Padre Ledo a comprou, ela, passou a ser propriedade sua, tendo continuado a ser dos seus herdeiros. Não obstante ser particular não impede a devoção que muitos têm por Nossa Senhora dos Remédios; O Poeta Corrêa d'Oliveira lhe dedicou alguns versos repassados de fé e emoção, nas quais se canta a devoção que o povo tem à Santíssima Virgem sob a invocação dos Remédios. Também não há qualquer registo, que nos possa dizer a data em que começou a celebrar-se a sua festa; sabe-se que durante muitos anos, a referida festa era custeada quase exclusivamente pelas famílias principais da freguesia. A família Azevedo; A família Barros, e a família da casa de Belinho. Celebrava-se habitualmente no terceiro domingo de Setembro, e durante vários anos tem o concurso de duas bandas de música, sendo uma delas a Banda do Colégio dos Orfãos de S. Caetano de Braga que gratuitamente participou nesta festa durante vários anos, pela simples razão de os seus elementos se encontrarem a passar férias nas nossas praças.

Nos fins do século passado vieram aqui lançar os seus fogos alguns dos melhores pirotécnicos do país, como os Silvas, e os Castros de Viana do Castelo e ainda o das Devesas de Vila Nova de Gaia: Algumas pessoas se lembrarão ainda, de no local onde hoje se ergue a cabine de transformação da energia eléctrica, se fazer uma represa com a água das Azenhas da Quinta para aí ser lançado fogo aquático, como a Capela se tornava pequena para os fiéis participarem nas cerimónias religiosas, erguia-se na frente entre a capela e a estrada, uma

espécie de alpendre, coberto com um grande toldo; sendo o sermão proclamado debaixo desse alpendre, para ser ouvido pelo maior número possível de fiéis; — Nesse tempo havia uma grande vantagem em relação ao tempo de agora; as pessoas não eram obrigadas a suportar o barulho infernal dos escapes das motorizadas, (pelo simples facto de ainda não existirem).

Esta festa nem sempre se celebrou com regularidade, tendo havido vários interregnos.

A título de curiosidade direi que os vários episódios que com esta festa se relacionam, há um que merece especial referência e apesar de ainda estar na memória de muitos talvez tenha interesse em ser contado:

«Os Poetas, tal como os Santos, não morrem»

(Continuação da 1.ª página)

na alma o ruído das montanhas e o bramido do mar e a exteriorizar em versos os sentimentos que uns e outros lhe causavam (...) de uma maneira sublime. Este homem que honrou a vossa terra e a tornou conhecida, pelo mundo inteiro, exprimiu tão bem, os sentimentos que, todos nós sentimos, mas que só os poetas sabem traduzir.»

Para D. Eurico, Corrêa d'Oliveira «além de poeta da Natureza foi também um poeta teólogo e bem se pode considerar o Gil Vicente do Século XX». (...) «Fidelidade a Deus e ao Evangelho, à Pátria que amava profundamente, às raízes, (...) à língua, à tradição são constantes na vida deste grande homem, deste grande poeta».

Mais à frente D. Eurico Dias Nogueira abordaria temas candentes da sociedade portuguesa, naquele jeito peculiar que lhe conhecemos. «A história subverte-nos valores que deveriam estar acima de todas as convulsões. Valores que impuseram ao mundo o nosso povo. Com se fosse fácil destruir a alma de um povo! A alma do povo sabe sobreviver a essas tentativas de destruição».

Aludindo a uma recente visita que fizera ao Canadá, onde foi presidir a algumas cerimónias religiosas da comunidade portuguesa, à tradição cristã, já milenária, do povo português, afirmaria: «os portugueses gostam de se afirmar fiéis às suas tradições religiosas e culturais (...) onde quer que se encontrem. (...) Senti-me orgulhoso por pertencer a um povo que se sabe afirmar nas suas virtudes cristãs e patrióticas, que não sabe envergonhar-se da sua fé».

Já na parte final da homilia, salientou a importância da saudosa D. Maria Adelaide na vida e obra do Poeta. A finalizar, D. Eurico apelou para que os presentes acreditassem «em Portugal, na força de um povo que tem sabido gerar no seu seio poetas, heróis e navegadores. (...) Corrêa d'Oliveira nasceu nas montanhas, mas viveu de olhos voltados para o mar, soube ver que a história de Portugal estava no mar. (...) Senti que fazia parte da alma de Portugal essa aventura pelos mares». «Agradecemos a Deus ter concedido a Portugal um homem da grandeza de António Corrêa d'Oliveira».

Na Eucaristia participaram numerosas pessoas da freguesia, o

Nos primeiros anos da década de 40, um grupo de mariolas da vizinha freguesia de Castelo de Neiva resolveu fazer distúrbios nas festas e romarias das redondezas, tornando-as em autênticos arraiais de pancadaria, sem que ninguém tivesse a coragem de lhe ir ao encontro. Ora, no ano de 1944 eles preparavam-se para fazer o mesmo na festa de Nossa Senhora dos Re-

Dr. Aguiar Branco, Presidente da Fundação António de Almeida que no Porto organizará diversas actividades comemorativas; Eng. Losa Faria, Presidente da Câmara Municipal de Esposende; Mestre Henrique Medina; Prof. Cruz Pontes, da Universidade de Coimbra, numerosas pessoas da Família Corrêa d'Oliveira entre as quais o único sobrinho ainda vivo do poeta António Corrêa d'Oliveira Guimarães, além de outras individualidades.

ADELIO NEIVA

M. F. Viana

Memórias da nossa terra

(Continuação da 4.ª pag.)

quando não há necessidade de se fazerem tais coros, pelo que ordeno nunca se nomeiem para estas funções para nenhuma família sem primeiro saberem a vontade de seus pais. E para evitar os gastos dos alugueiros mando que a mesma freguesia pelo seu juiz mande fazer os andores precisos de madeira e pintados...» (Visita de 28 de Novembro de 1790).

A julgar pela aragem (e pela carruagem) eram de pélo na venta estes visitantes! Nem os párocos

médios, só que aqui, lhes saiu o tiro pela culatra; depois de recolhida a Procissão, e de se haver queimado o fogo de bonecos; quando a música se preparava para iniciar o concerto, bem perto do seu palanque começaram os distúrbios, que terminaram na maior batalha campal a que a nossa freguesia assistiu. Os homens válidos que se encontravam presentes uniram-se num só espírito e acabaram de uma vez por todas com as patifarias que esses malandrins andavam a fazer. Já não pertencem ao número dos vivos, alguns dos principais intervenientes nesta contenda, entre eles lembrarei o Sr. Reitor, Padre Ferreira, o Sr. Manuel Pereira Viana, o Sr. Manuel da Vigária e o seu irmão Cândido, o Sr. António da Vitória — o homem forte dessa tarde —, e muitos outros que de momento não recordo, a quem as festas e romarias das nossas imediações devem a paz e sossego que a partir dessa data têm desfrutado.

Também direi que foi na festa de Nossa Senhora dos Remédios, onde pela primeira vez se ouviu um Alti-falante, na nossa freguesia.

escapavam ao seu zelo intempestivo! Se não, é ouvir «Sua Ex.ª Rev.ma renova e recomenda a todos os reverendos párocos e clero a mais escrupulosa e exacta observância das suas pastorais relativas ao uso do verdadeiro hábito clerical de côr preta, talar e abotoado até baixo; e severamente manda estranhar a indecência e atrevimento com que alguns eclesásticos se apresentam nas funções sagradas com sobrepeles sobre capotes ou casacos e de polainas, socos ou pantalonas à vista...» (Visita de 27 de Maio de 1825).

Está visto que os tempos eram outros!

Dr. Adélio

Marcha de protesto

Esgotos p'ró Rio Neiva — Nunca!

Milhares de moradores das margens do Rio Neiva, Antas, S. Romão e Castelo do Neiva, no passado dia 10 de Setembro deu início a uma impressionante marcha de protesto pela incompetência dos técnicos da zona industrial de Viana do Castelo que, a modo primitivo, resolveram drenar os esgotos para o Rio Neiva.

A concentração deu-se na Ribes em direcção às Duas Estradas (S. Romão). À medida que avançava ia engrossando com os moradores do Castelo e S. Romão de Neiva. Homens e mulheres, rapazes e raparigas, crianças — uma multidão incontável que se fazia deslocar com pás e enxadas para «simbolicamente» encerrar o dreno — ostentavam grandes cartazes com slogans, como:

- Não consentiremos esgotos p'ró Rio Neiva!
- Não nos matem os campos, o gado e... os nossos filhos!
- Zona industrial... Sim; Poluição... Não!
- Queremos empregos e não porcaria...
- A conduta não seguirá!
- Esgotos p'ró Rio Neiva — Nunca!
- Não façam do Neiva uma fossa!
- A Celnorte lançou os esgotos no mar. Façam o mesmo!
- Lutaremos até ao fim!

Está em construção aqui (S. Romão do Neiva) a ZONA INDUSTRIAL DE VIANA DO CASTELO.

Iniciativa louvável da respectiva Câmara que trará para esta região mais possibilidade de emprego numa zona já de si tão carenciada.

Inexplicavelmente, porém, e, contrariando toda a filosofia dos perímetros industriais, o destino dos esgotos foi inconscientemente resolvido, utilizando o RIO NEIVA com seu veículo para o mar.

Só que desconhecem a importância que este rio tem para as populações suas vizinhas. É a água dos seus campos, do seu gado e o seu refúgio nas tardes quentes de verão, que se lança no mar numa das mais lindas praias do Norte — Foz do Neiva.

Porque há soluções alternativas, e disto sabe a Câmara de Viana, já que as utilizou para a CELNORTE, não deixando poluir o seu «LIMA», o Povo perfeitamente consciente da razão que lhe assiste, exige que desta vez, e por maioria das razões, dado que é a Câmara o executor deste projecto, que os esgotos da Zona Industrial, depois de tratados, sejam directamente lançados no mar.

- Zona Industrial sim! Poluição não!
- A Celnorte lançou os esgotos para o mar. Façam o mesmo!
- Esgotos para o Rio Neiva... Nunca!
- Não nos matem o nosso gado, os nossos campos e os nossos filhos!
- Lutaremos até ao fim!

N. B. — Este foi o texto da mensagem entregue a toda a multidão, automobilistas e transeuntes.

Santo Pelagio de Antis (S. Paio de Antas)

(Cont. do número anterior)

Esta Igreja é de três naves, separadas por Arcos de Colunas com Fustes e Capitéis lisos.

É forrada a estuque, tendo junto ao Arco do Cruzeiro e ainda na Nave Central dois altares e em frente de cada Nave Lateral outros dois altares.

Encostados às paredes tem ainda mais dois altares, de cada lado.

O Púlpito e o Còro são modernos e a Pia Baptismal em granito aos gomos.

O Cruzeiro Paroquial ergue-se ao fundo do grande terreiro que se estende em frente à Igreja.

É em granito bem trabalhado; a sua cruz com a Imagem de Cristo Crucificado eleva-se no alto de uma coluna de fuste em espiral com videiras enroscadas, tendo na frente a Imagem da Virgem e na base gravados os Martírios da Paixão de Cristo.

Naquela coluna lê-se 1898, data da sua inauguração.

Ao lado esquerdo desse terreno, entre o Cruzeiro e o Templo, foi construído o Cemitério Paroquial, em cujo portão se vê a data de 1884.

Dentre os vários jazigos que contém destaca-se em mármore o do Barão de Marcanã, Manuel Gonçalves Pereira, nascido nesta freguesia a 17 de Março de 1806 e falecido a 27 de Fevereiro de 1895, segundo reza o epitáfio.

Dizem as Memórias Paroquiais de 1759 que houve nesta freguesia a Ermida de Santo Estêvão, no lugar da Portela de Balxo, da qual já não há vestígios e só no Pátio da Residência Paroquial e à porta da mesma existiam duas colunas que serviram de cunhais da porta no frontispício da mesma Ermida e em ambas se conheciam muitos sinais de letras que por antigas se não decifraram.

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

A Capela de S. João, pequenina' quase um nicho, ao lado da estrada de Forjães a esta freguesia, é particular.

A Capela da Senhora dos Remédios, ao lado também da estrada de Forjães, está situada no centro de um adro fechado por parede.

É construída de boa pedraria, sendo forrada a estuque com altar moderno.

É Pública.

A Norte desta capela, junto à

mesma entrada, está um Cruzeiro em cuja base tem a data de 1898.

Capela de Santa Tecla quase na Foz do Rio Neiva.

É esta uma das capelas mais antigas destes sítios: Já as inquirições se referiam a ela, chamando-lhe Heremita de Santa Teca, as de 1220, e Ecclesia de Sancta Tegra, as de 1258.

Esta capela, muitas vezes reedificada e ainda em 1800, é pública e todos os anos nela se faz uma romaria.

A Capela de Nossa Senhora do Rosário, em frente à Casa de Belinho, à qual pertence, está situada em um dos mais lindos e pitorescos sítios desta freguesia.

De arquitectura simples, baixa e sobre o comprido, à sua porta em arco redondo cresce um amplo alpendre, parapeito e com bancos de pedra, sustentado em oito colunas de base, fuste e capitel lisos.

Ao lado direito da porta, debaixo do alpendre, tem um púlpito redondo de pedra (escabelo).

Ostenta na sua frontaria um pequeno escudo esquartelado com as armas dos cunhais, Silvas, Farias e Sotomaiors.

Dentro a Capela Mor é forrada a madeira com traves a descoberto e tem esta capela um único altar com retábulo antigo.

Vê-se no pavimento uma sepultura com a seguinte inscrição: A.S. de Pavlo da Cunha Sotomaiors.

O corpo da Igreja é forrado a madeira em caixotões com as traves á vista. De cada lado das paredes tem vários gavetões funerários, onde repousam os corpos de algumas pessoas da família.

Tem Còro e Púlpito.

ALBINO P. DE SA

(Cont. no próximo número)

Atenção

Devido à paralização dos C.T.T., no Porto, não nos é possível inserir as fotos destinadas a este número, que seriam as seguintes:

Reportagem fotográfica de marcha de protesto (10 de Setembro), parque infantil e obras paroquiais, D. Inácia e Domingos do Calçada, bem como o talão do correspondente ao 4.º prémio.

UM GRITO DE ALERTA:

— O Rio Neiva estará em perigo

- Se os esgotos do Parque Industrial de Viana do Castelo forem para ele canalizados directamente;
- Se as autoridades administrativas competentes não solucionarem correctamente o problema dos esgotos;
- Se a população não defender conscientemente o seu direito «a um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado» (artigo 66.º, n.º 1 da Constituição de 1976);
- Se a população não defender a sua agricultura;
- Se as entidades competentes e a população não defenderem um dos locais de mais interesse turístico do Concelho de Esposende.

Por isso, o Agrupamento 236 do Corpo Nacional de Escutas de Antas alerta toda a população para o grave problema que é a poluição do Rio Neiva. Não se pretende pôr em causa a instalação da referida Zona Industrial, nem o progresso, nem os postos de trabalho daí provenientes.

Pretendemos para este problema uma solução que não prejudique as populações ribeirinhas, que se coadune com os princípios que norteiam o Escutismo e respeite os direitos sociais consagrados na actual Constituição.

Só a união e acção de toda a população resolverá o problema.

Agrupamento 267 do C.N.E. — Antas

Obras paroquiais — tema de interesse comum!

Com as suas ofertas, o seu esforço, a sua participação, o seu trabalho, o povo de Antas (S. Paio) mostra bem que está presente no engrandecimento da sua Paróquia. A Família Paroquial irmanada num projecto comum de fé, fraternidade e amor, exemplo e lição para os que ostensivamente viram as costas aos valores mais elevados e tradicionais do nosso POVO.

Assim, vejamos:

Manuel Alves Meira da Cruz com o empréstimo de 200 000\$00 (s/ prazo e s/ juro).
Manuel Alves Meira da Cruz — Azevedo — 5 500\$00 (oferta)
Manuel Meira Novo, França 100 F.
Manuel Laranjeira da Cruz, França 1 000\$00
Manuel da Cruz Caseiro, França 1 000\$00
Manuel Adão Martins Ferreira, França 1 000\$00
Manuel Pedreira, França 1 000\$00
Manuel Viana Rolo Agra, França 1 000\$00

Manuel Ferreira da Silva, França 2 000\$00
Maria Lourenço Faria (Caramalho), Azevedo 2 000\$00
Alice Viana da Cruz Ferreira, França 1 000\$00
Augusto Cancela, França 1 000\$00
Armando Faria da Cruz, França 1 000\$00
Alfredo da Costa Rolo (Soutelo), França 1 000\$00
Bertrand e Maria de Lurdes, França 1 000\$00
António Moreira e Elisa, Bélgica 1 000\$00
António Meira da Cruz Saleiro, Igreja 1 000\$00
Amândio Afonso Sampaio, França 1 000\$00
Augusto da Cruz Caseiro, França 1 000\$00
Basílio da Cruz Neiva e Justina, Azevedo 2 000\$00
Domingos Viana da Cunha, França 2 000\$00
Domingos Alves da Cruz (Zenha) 500\$00
Domingos Azevedo, Cima 500\$00
Cândido Cunha e Ricardina, França 2 000\$00 e 1 500\$00
Mário Fernando e Maria Cândida, Azevedo 400\$00
João Moreira de Sá, Guilheta 1 000\$00
Emílio do Mestre, Azevedo 1 000\$00

Ilídio da Costa Cruz, Argentina 1 000\$00
Manuel Gregório (Frade), Guilheta 1 000\$00
José da Cruz Ferreira, França 1 000\$00
Horácio Alves Rolo (Paulo), Azevedo 100 F.
Joaquim Alves Fernandes, Anha (França) 100 F.
Livia dos Prazeres Alves da Silva e Eduardo — Vila Real 800\$00
Carpintaria Riço — Guilheta 2 000\$00
Isabel Faria da Cruz, Pereira 1 000\$00
Rogério e Vitória Fagundes, Azevedo 1 000\$00
Ramiro Arezes, França 1 000\$00
Maria Rodrigues 200\$00
Eduarda Viana da Cruz, França 2 000\$00
Manuel Laranjeira da Cruz, França 500\$00

A paróquia reconhecidamente grata pela obras de todos nós!

Bem hajam.